

PORÉTICA EDITORA

A HORA E O CÍRCULO

SILVA CARVALHO

Não tenho nada para dizer.
Palavras não me faltam.
Mas estou sem inspiração.
Não faço mais que esventrar-me,
procuro o limite das minhas potencialidades.

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

A HORA E O CÍRCULO

SILVA CARVALHO

Começar um poema.
Preciso de começar um poema.
Para... para...
Preciso de começar um poema.

Mas esta dor de cabeça, que começou ontem
à noite, persiste, teimosa, intragável, dolorosa.

Não tenho nada para dizer.
Palavras não me faltam.

Não aguento este olhar, não aguento este olhar.

Eu sinto-me bem mesmo com a dor de cabeça,
sinto-me perfeitamente bem,
por isso este optimismo nos meus versos.

Mas estou sem inspiração.
Não faço mais que esventrar-me,
procuro o limite das minhas potencialidades.
É uma afronta que faço ao meu talento.
Como é ridículo o capricho do talento.
A inteligência!
Fulano é mais inteligente que tu,
mas não tem sensibilidade.
Não vibra diante de uma pintura de Picasso,
fica impassível com a Guarnica.
Não, fulano não tem sensibilidade.

Eu possuo a minha inteligência nos olhos
e a minha sensibilidade na ponta dos dedos.

Como sou feliz!
Mas a que propósito alije uma coisa destas?
Que me interessa a mim a minha felicidade?
É música ou um bom filme?
Se não é, não preciso dela para nada.
Que aborrecido estar sujeito a estas arbitrariedades!

Está vento.
Digo que está vento porque estou à janela
e vejo as árvores vergadas e fluindo e refluindo.
Se estivesse virado para a parede não estaria vento...

A rua foi mais uma vez dissecada,
abriram-lhe uma greta, não deita sangue.
As ruas não têm sangue. Só os bichos...
Ia dizer um disparate, mas depois pensei
que me poderiam chamar ignorante,
e calei-me.
Não me perdoo: era isto o que eu queria vencer.
Poder dizer todos os disparates do mundo
com a lógica de um embrião enlouquecido.
São preconceitos, lutemos contra os preconceitos...

Agora que este poema está no fim,
sem a ajuda da inspiração ou das musas,
sinto-me descansado: consegui vencer a fatalidade.
Escrever só quando se sente um impulso
é uma limitação.
Escrever sem uma urgente necessidade
é um trabalho.

Por isso o meu dia já terminou.

Nunca comi caviar.

Mas se morrer sem nunca ter saboreado caviar,
o que podem os outros homens deduzir de tudo isto?
É o problema que me preocupa.

Nunca fiz amor com uma estrela do cinema.
E isso é muito importante.
Quando tinha quinze anos sonhava melancolicamente
com o corpo rechonchudo da Liz Taylor;
ainda não tive a oportunidade de o possuir.
E isso é muito importante.

Nunca possuí nada do que desejei realmente.

Vinha a descer as escadas para o meu quarto
quando pensei para comigo que hoje a minha vontade
era poética e as minhas palavras versos.
Foi por isso que vim sorrateiro escrever.

Chamo-me António José, sem minha culpa,
mas chamam-me, desde a escola, Carvalho.
E isso é muito importante.

Estou convencido que se tivesse um outro nome...

Congeminações traiçoeiras...

A minha impossibilidade de dizer é tão notória
que as minhas palavras parecem-me pedras
numa estrada deserta desde o último apocalipse.

Bom.

Estou a sorrir com os meus lábios
e os meus dentes.

Meus?!

Estou a sorrir com os lábios e os dentes.
Tenho uns lábios vulgares e uns dentes bonitos.
Os meus pais gastaram um dinheirão
para fruir de uns dentes bonitos.
Estou muito reconhecido com o bem
que me fizeram.

Nunca caíam na asneira de dizer
que um meu poema não é nada
nem revela nada: isso seria bom demais.

Para ser mais conciso direi como me correu o dia,
para uma melhor compreensão desta poesia.

Levantei-me às nove e estudei até à uma.
Comi umas duas postas de peixe frito
com batatas e arroz da última refeição.
Bebi água morna. Ouvi a guitarra
de um colega e o ruído do meu gozo,
lancei duas anedotas para amenizar o calor
e o suor, perdi uma hora com Bob Dylan,
estudei uma hora de Histologia.
Não fiz mais nada porque são sete da tarde.

Importante: estou com uma cefaleia terrível.

E nunca comi caviar.

Que tarde cinzenta a que fomenta o meu cansaço!
Sem sol e com vento.
Nunca me senti tão isolado e tão perdido!
Mas perdido de quê?
Devo estar com alucinações.
Quero dizer que o tempo está mau e eu estou mau,
mas minha doença não tem médicos nem doentes,
é isto, este viver.
Eu estou em casa, no meu quarto,
sentado à secretária, escrevo.
Os meus colegas estão a estudar.
Confesso uma coisa: eu não queria misturar
esta merda do estudo com a poesia,
mas a verdade é que o próximo exame existe
e eu não tenho estudado um corno.
Não quero que o leitor me julgue o porta-voz
dos estudantes: sou o menos indicado.
O estudante vive estes anos para começar depois a viver,
eu vivo estes anos porque comecei há vinte anos a viver.
É diferente.
Mas a tarde está triste.
Que banal dizer que a tarde está triste
pelo simples facto de transparecer uma cor cinzenta.
As tardes, como todos sabem, não são tristes nem alegres,
os homens é que têm tardes de alegria e de tristeza.
Mas eu não estou nem alegre nem triste:
estou a escrever sentado à secretária.
Gostaria muito de expressar uma sensação ou uma ideia,
nem que fosse uma pequena emoção.
Mas não é possível, não sei bem porquê.
Algo está errado.

Disseram-me que o homem escreve
quando tem alguma coisa a dizer aos outros,
fruto da experiência pessoal,
e que os outros ficavam enriquecidos
com o testemunho dessa experiência.
Coitados dos meus leitores: eu não tenho experiência
para vender nem para sacralizar.
Tenho palavras que dizem alguma coisa
que todos os homens sabem.

Eu ontem li uma poesia de um homem do séc. XIX
e fiquei maravilhado com o que ele dizia.
Mas hoje já nada existe do que ele mencionava,
ou se existe eu não vejo.
Mas também ao ler os meus contemporâneos
eu fico estúpido com a imensidade de coisas
que dizem sem o meu conhecimento:
os poetas, na realidade,
devem ver para lá das aparências.
Eu também poderia dizer coisas interessantes
e com mais prolixidade que alguns poetas canonizados,
mas não digo por... dignidade.
Estava a brincar... Não tenho dignidade,
nunca a tive, desde novo abandonei
essas construções dos outros tempos.
Ninguém me poderá acusar de não ser do meu tempo!
AH AH AH AH AH AH AH AH AH AH AH AH AH
Fez-me rir. Preciso de rir, é a verdade.
Ando um pouco histérico, confesso.
Confesso? Mas confesso o quê?
O meu histerismo... Não vale a pena dizer mais.
Afinal ninguém me perceberia!

Walter Kurt Wiemken, mágico do funambulismo,
construtor de maciços de negro no plinto
das ondas brancas, esqueletos de mármore
no remanso da jovem mãe, cordas suspensas
entre os troncos do asfalto escaldante, palhaços
da má vida nos hotéis de luxo, anjos de asas
bifurcadas no céu de uma tarde de inverno,
velhos casarões de homens vetustos e mortuários,
bandeirinhas nos transatlânticos de aço e verde
mar, vertical de medo entre o desfiladeiro
e a montanha, arquitectura de delírio no apogeu
de um ânsia, circo de cores sanguíneas
para os jovens sem dono, cavalo ventripotente
de crinas em botaréu, esquema da morte
no olhar protuberante da tua imagem.

Fiquei como um homem que acaba de nascer
ao encontrar-me pela primeira vez
com «Am Rande des Abgrundes»,
e o meu sonho de uns dias antes preconizou
o teu aparecimento nimbado desse obscuro
contraste entre o real e o irreal,
entre o negro e o branco,
entre a montanha e a planície,
entre a verticalidade e o horizonte,
entre a adiposidade do sonho
e a translucidez da realidade circundante.

Wiemken, dono de Basel e dos arredores,
correio das predisposições frustradas,
explorador dos cambiantes malditos,

sonegador da claridade da ilusão,
capataz do vício de ser, demiurgo
sem vontade nem brilho, matriz
das horas de seborreia e ódio,
calculador do espaço sem berros,
místico de uma chave incolor,
proxeneta das angústias, sapador
dos restos humanos, cinzelador da dor.

Castel San Pietro, coordenada na terra,
ponto de reunião, momento propício
para o passamento injusto, hora sem par
na criação do holocausto febricitante,
derradeira visão do antropomorfismo
exótico e insólito como uma barra
no inferno do tempo.

Eu que estou aqui, num quarto virado
para o norte, casualmente, eu que vi
«Am Rande des Abgrundes» sem um colapso,
mas com esta dor de me ver escarrado,
não sei o que dizer de ti, o que pensar de mim.
Tudo demasiado belo ou árido para te destinar,
tudo sem conforto ou esperança, a morte
veio em ti e eu fruo a alegria masoquista
de te esventrar, gastrólatra do sangue
que impuseste na tua vida, vampiro
dos teus ais de lucubração onírica, verme
das tuas insónias de noites alucinantes,
sanguessuga da periodicidade do teu declínio.

Não te ter conhecido, eis o meu terrível bem,
não te ter conhecido vivo, com sangue

nos lábios e tesão no teu sexo alpino,
sem a influência do ambiente, isolado na roda
incestuosa das tuas ambições, que bem
que eu auairo neste momento de sonolência,
incapaz de um suspiro ou de um grito,
surpreendendo em mim a magia do teu pincel.

Depois de ter lido o jornal da manhã
um afluxo de pedras mentais verruma-me o cérebro
e um estranho dissídio de palavras segrega o vazio.
Quantos camiões de rímel e preservativos higiénicos
percorreram a noite de vento astral e violento?
Quantos casais sem sono violaram-se de encontro
aos lençóis, na tentativa desesperada de captarem
o momento fugidio? Quantos assassinos não tiveram
a ousadia bélica de entrarem num cemitério
para o ritual da afirmação? Quantos feridos
sem prejuízo para a sociedade que os consome
não vomitaram sangue e esperma nas casernas
do hospital? Quantas sortes se destinaram
entre dois copos de vinho na reunião burocrática
de uma empresa de mitos enlatados?

E eu fora de tudo isso!

Eu aqui, sozinho, no meu quarto babélico,
sem sair à rua desde o último domingo,
fechado entre o silêncio e o burburinho
do meu ziguezaguear sem estrela, caracol
sem sol, verme entre os vértices do metal,
consciência que distancia os outros,
mármore onde os caprichos do tempo
moldam a velhice, inquietude num corpo
de impulsos e cansaços, isolado dos arrotos
vomitados diariamente em doses suculentas.

Como os homens e as vidas seguem sem mim,
nunca a minha arbitrária existência
foi tão enxovalhada, nunca a fulgência
do meu rumo ficou tão mesquinha!

Eu, que nasci e vivi durante vinte anos,
eu que tenho a obrigação de ser jovem,
que deveria ficar impávido quando
uma notícia irrompe no mundo
da bisbilhotice, que nunca dei grande
importância ao que se passava pela terra,
que nunca me importei com os desastres
que minimizam os homens, eu, estou
desolado por me ver só e dispensável
à corrida das horas, minúsculo aracnídeo
que constrói uma vida sem graça
nem desfastio, indesejável sempre
que penso na minha existência ingrata
e descomunal, leitor de uma manhã
em que o vento desfibra os nervos
e causa vômitos.

Como todo o exterior da minha vida surge
diferente: as árvores são árvores, como outrora,
mas já não são a sensação de outrora: tenho
espetado no meu corpo um galho cinzento,
um amarelo de pesadume nos interstícios
dos meus lábios, um fedor de laranjas podres
nas narinas entumecidas, um peso de mortalha
agridoce nos meus braços sem frémitos,
um lutulento zéfiro de calores nos sovacos
da minha adiposidade. Uma árvore banal
possui-me com a violência de um touro. Eu
sou a prostituta que ao vender o orgasmo
pensa na essência do amor.

E esta insegurança de quem viaja sem destino
na placidez da estagnação, que luxúria
para o embotamento dos meus desígnios

pretéritos! E este mar de espinhos no sexo
do meu viver ruminado, que displicência
no meu sono sem camas mas com insónias!

Repetir a todas as horas que a vida é bela,
mesmo agora, que prostituir
para a minha leviana posição no mundo!

E ainda esta noite, no clangor dos meus nervos,
com a escuridão nos olhos, eu inventava,
para consolo ou por raiva, histórias clarividentes
do destino, tramas que poderiam ser vidas
de encanto e de maquinal ordem, edénicos
caminhos sem quadrívios para engulhos
de opção. A aparente loucura do homem
quando suplanta a dor com a harmonia...

Eu estava em casa quando me trouxeram
o jornal, e eu gostaria imenso
de não estar nessa hora em casa.
Quem viaja tem a felicidade
de uma razão para se sentir só.

A incerteza de quem começa com um roldão na cabeça,
a estúpida leviandade de quem começa sem acreditar no fim,
a brava folha de brocado na história de uma tarde,
tenho-a aqui, aqui neste meu grito, aqui sem esmolos,
aqui por demais sabedor deste sofrimento em azul,
aqui na espessura dos dias mitigados com ódio, aqui
na translucidez diurna de uma breve sensação de orgasmo.
De dentro de mim, em convulsão de gazes e anéis de ferro,
sobretudo da areia meridional das incandescentes praias
de sonho, entre este cheiro de pescado fresco de memória
e o entornar monocórdico das sensibilidades embotadas,
com a necessidade premente de dizer os zeros e os amarelos,
desta necessidade em verborreia de horas e de ritmo,
a cimitarra das angústias pretéritas no fogo do pesadelo,
aqui onde não há mar nem montanhas, aqui aqui aqui,
com frases de livros gastos pelo abuso de uma esperança,
a entrada triunfal das divinas forças empenhadas no mal.

Não são os zuavos que me incomodam o viver, nem a peste,
nem os olhos dos doentes que chafurdam o sexo no pestilento
ninho, nem as deambulações exotéricas de um circo à deriva,
nem a grandiosidade algoz de um canino vislumbre de medo,
nem sequer a imaginação suada de um olor de morte.
Aqui, hoje, apertado entre as redes deste quarto ainda
desconhecido, percepcionando vagamente os ruídos da cidade
que respira, interrompido com os estrondos barraqueiros
dos anacrónicos eléctricos, sabedor de que o estudo só é bom
para os imbecis ou para os ambiciosos, ganho desta estridência
em silêncio o destemor de quem perde sem tino, aureolado
pelos hábitos que uma burguesa educação estigmatizou
na infância de mesquinhas interpretações do real.

Aqui, entre a fantasmagoria deste irreal suceder das coisas,
absorto ou empanzinado com as situações *in extremis*,
bufónico sem aquela sageza a que me condenei, aqui,
no despertar destas mentiras verdadeiras, senhor da hora,
capacho do destino que ainda não tenho mas que construo,
visado pelo desespero do que já senti e não posso mais sentir,
testemunha inequívoca da vida que em si não é mais
que tempo, aqui, dizia, neste tumulto de vozes que são
minhas, neste final do prazer, sem ao certo saber o que faço,
escrevendo com a discrepância de quem foge, aqui,
neste cubículo onde o ar rarefeito não concita a febre,
sem o fastio de quem já viu tudo o que tinha a ver,
pequeno casulo de uma impotência que mudou de nome,
porteiro dos tardívagos senhores que o século engendrou,
eis-me aqui, vinte anos de espessura e opacidade em nervos,
máquina onde as palavras connexionam com os ligamentos
nervosos, resíduo de uma milhenta escória de passadas
ilusões de homens, eis-me, como dizia, aqui, sem esse brilho
que convém a todos os poetas, sem o inconsistente preconizar
dos tempos futuros, sem nada, ou com o nada que não o é
nos meus pensamentos, filho dos russos, ou das doutrinas
que nunca tive a volúpia de ler, espúrio como o sangue
de todas as menstruações das virgens assustadas, animal
de tiro, jangada onde os naufragos nunca se salvaram,
estância de férias de amantes reais, bitola para o andaime
da vida, tudo isso é falso, tudo isso é terrivelmente falso,
porque eu minto, eu que tive o desplante de estar aqui
quando devia estar ali, que nunca estou no sítio onde devia
estar, eu, filho de burgueses sem importância, irmão
de burgueses sem importância, pai premonitório de filhos
sem importância alguma, ou com a importância de serem
meus filhos, eu aqui, neste quarto de estudante que não estuda
por princípio, entre o céu de idílios róseos e fesceninos

e a terra podre de vícios e maleitas, sem saber o que dizer,
ou dizendo o que não sei, aqui, neste delírio onde as vozes
são pregos e as palavras símbolos, eu e esta música
onde o ausente está com todo o fulgor de uma tarde.

Mas todos os canhões e as bombardas que nunca tive
a oportunidade de ouvir, e todos os tiros de pistola do cinema
americano que não servem mais do que para passar,
entre risos de sopeira, duas horas de lúdicas divagações
que não fazem perder ninguém, não são nada
diante deste ribombar de vazio que me possui agora,
aqui, deitado sobre a mesa, escrevendo febrilmente,
anelante como um possesso, escravo das palavras que são eu,
ou eu sou todas as simples palavras que ejaculo com raiva,
porque tinha que ser com raiva, tinha que ser,
como nesses dias em que o sol é violento como os impulsos
do cardíaco, ou como esses caprichos de mar nas tardes
de inverno, com o cais invadido pelo lodo e pela maresia,
e nós, homens da costa Atlântica, que nascemos ouvindo
o rugido do mar, que nadamos antes de aprendermos
a linguagem da verticalidade, já não estamos acostumados
ao sortilégio de sermos homens da craveira normal,
porque duas filhas da puta de hormonas ou uma predisposição
em que não acredito, me atiraram para a solidão, e é por isso
que agora, aqui, eu berro sem vontade, limitado que estou,
e peço aos homens que avancem para a minha guarida,
e que me libertem desta inconveniente passagem cronometrada
das horas.

O suicídio ou o assassinio, o mal de estarmos com pirrose,
tudo pode ser demasiado fácil mas não é isso o que quero,
eu quero que a minha vontade comande os meus gestos
e que a minha actuação no mundo não seja etérea como

um fumo ou pesada como o arroto que lançamos no fim do almoço. Eu quero que o meu querer seja suficientemente forte para o ser, e quero que a sugestão das coisas obedeça ao meu desígnio.

Aqui, isolado porque não tenho a beleza esporádica de ver, estendido na minha preguiça que me levará à infravida, respirando o eflúvio desta tarde que sulcou o calendário, pobre na essência de toda a pobreza sem destinos falhados, eu espero que um alguém que sei que não virá não surja na atmosfera que sorvo em repelões de espasmos, para que as minhas palavras adquiram a autenticidade de um testemunho. Aqui, dizia, indiferente ao correr das naves espaciais, muito aquém dos modernismos que a minha vida nunca provou por displicência, muito além das sensações do agora e do depois, no seio interior da minha vida onde o sonho e a realidade são duas mãos entrelaçadas para me estrangularem asseptizadamente, sem forças anormais ou divinas para gritar para além dos pulmões ou das cordas vocais, digo em tom onde a profecia não entra: EU QUERO VIVER: EU QUERO VIVER: EU QUERO VIVER.

Ainda não é hoje.
Tenho adiado a minha vida, mais nada.

Mármore numa atitude de contemplação invisual,
instantâneo onde o absurdo surge sem pedir licença,
eu estou metido até aos ossos nesta tarde.

Regressar para escrever o que não sei ainda,
é a fuga a uma vida que me faz banalmente mal.
Deveres? Obrigações?
Não, não quero isso, não quero estar dependente das coisas,
não quero a servidão que a vida costuma impor aos homens.

Pensei em suicidar-me. Mas dizê-lo, como me parece ridículo,
ou próprio de uma história de cordel.
No papel, o suicídio não passa de uma palavra
e a dor deste momento de um fingimento poético.
Eu tenho vergonha de estar aqui, sentado à mesa,
a dizer estas coisas que não dizem respeito a mais ninguém.

Depois, esta dor física, persistente, em mim, hipocondríaco,
que bizarra maneira de saudar as alegrias
e as pequenas coisas que a vida costuma proporcionar!

Que a minha vida podia ser fácil, não me acredito,
mas podia ser mais leve!
Afinal os outros também andam neste mundo
e eu nunca recebi uma confiança do que sofrem.
Por que será que o meu corpo, que só me causa transtornos,
não tem a brilhante ideia de denunciar as minhas chagas?
Não, não percebo o que de mim há de carne,

não percebo estas necessidades imperiosas que me chateiam,
não vislumbro a necessidade de um sofrer físico.
É ridículo.

Mas nesta encruzilhada onde a ressaca me encobre,
senhor do nada, escravo de tudo,
que mais me resta viver?

Uma compensação, eu sei que o que agora estou a fazer
não passa de uma compensação.
Mas o que é a vida mais que uma multímoda compensação?

Quando o corpo exerce burocraticamente as funções
para que nasceu, e não nos faz lembrar da sua existência,
que felicidade!

Não, não sirvo para mais nada: não sirvo mesmo para nada:
estou aqui sem saber ao certo o que fazer.
Mas os filósofos dizem-me que é preciso viver,
que não se deve soçobrar, e eu não percebo os filósofos.
Chego a não me compreender com todas estas vivências,
e a consciência de que estou é um imbróglio para a pacacidade.

Mas bem no fundo eu tenho medo do suicídio.
E a descoberta desta cobardia, deixa-me isento e impune,
como se não tivesse nascido para mais nada,
senão detectar a minha desadjectivada posição no mundo.

São seis e meia da tarde, está vento,
tenho exame depois de amanhã,
uma dor tentacular aguda no peito esquerdo importuna-me,
a solidão do meu quarto não me diz nada,
a fuga para o sono é um sedativo que a insónia não permite,

dizer que estou nauseado com tudo isto não é literatura,
mas vocês pensem o que quiserem.

Sim sim, uma semana é suficiente
para desaprendermos a escrever!
Mas uma semana sem a presença do papel e da pena,
que felicidade para a minha ânsia de viver!

Porque estou chateado. Porque estar chateado
é normal em mim, e em mim o aborrecimento
resolve-se negativamente com a poesia.
Não sei se percebem, mas é profundamente assim.
E depois de um mutismo que durou simplesmente seis dias,
que posso dizer que ainda não tivesse dito?
Nada.

Tudo na mesma.
Todos os astros na mesma rotação.
Todos os caminhos levam-me ao café.
Todos os dias são esventrados pelas duas refeições.
A manhã e a tarde e a noite...
A manhã com um rançoso sabor ao dia de ontem,
a tarde a fugir para o palácio nocturno,
a noite com o sono no corpo e no cansaço de mais um dia.

E o suor sem metafísica, e o vento sem pornografia,
e o calor sem tergiversações...

Como não podia deixar de ser, deixei escapar certas ideias,
não fixei certas sensações...
nada se perdeu.

Um à-parte. Eu queria que nesta poesia, se possível,
entrassem os meus conhecidos do café Avenida, não sei porquê,
talvez, quem sabe, para justificar as nossas conversas anódinas.

Dizer que um A. admira Aquilino,
que o poeta R. N. fala de tudo menos de poesia,
que o Al. é um femeeiro assaz razoável,
que o J. brinca comigo quando me pergunta, irónico,
se já vomitei a minha poesia diária,
que o G. passa a vida dizendo que os estudos são uma merda,
que os da casa, sarcásticos, intentam saber dos meus exames,
que eu ora sou mudo ora sou profuso.

Agora, um minuto de tédio, fixando o tecto,
vale pelo mais lascivo orgasmo,
como se a prostituição do meu ócio
reservasse momentos fulgurantes onde o nada
surge envolto em aparições de concreto e de música.

Frente a uma parede nítida, sem mais nada,
os olhos no infinito de um quadrado finito,
a projecção de mim no mar sereno do meu lazer,
o reflexo do meu silêncio na opacidade da cal,
que maravilha de oráculo neste tempo sem deuses!

Mas queria dizer, sem mal-entendidos, que estou,
agora com fúria, vibrantemente mentindo,
porque se tudo o que disse é verdade,
tudo o que disse não passa de uma metamentira,
e não explico mais porque também não sei.

– Se nada sabes, por que escreves?
pergunta-me o A.

E eu não sei como lhe responder. Sorrio. Ele também sorri.
Mas não nos compreendemos.

E o V. que diz amar até ao paroxismo Régio e Pessoa,

não gosta dos meus versos...

Mas eu sei que poderia escrever poesia mais...

Mas não quero.

Um novo Romeu pelas forças das circunstâncias,
ela está à janela, ele no passeio em frente,
trocando carinhosos sinais de compreensão equívoca,
o amor desceu do verde do céu e entrou na vizinhança.
Como estou à espreita da novidade e do acontecimento,
espio as evoluções das gentes nos passeios,
e dou a todos os que fluem um nome
do meu dicionário que ainda não inventei.
Sem canelas de jogador e sem vontade de domar a bola,
ouço o rádio revelar o transplante de um jogador
de uma equipa pobre para outra mais endinheirada.
Assim, compreendo que não valho nada: sou um indivíduo
que não nasceu atleta nem padre nem boiardo,
preguiçoso como o maior preguiçoso da face do mundo,
cheio deste suor que o tempo vai borrifando nas pessoas.

Mas o que estou a dizer?

Repetir, repetir, repetir, não é obsessão,
é simplesmente repetir.
Num dia em que o esgar dos meus risos é diferente,
tudo o que de mim se esvai é diferente:
há uma lealdade nas minhas manifestações externas.

Bem. Mal. Não estou a brincar. Li... Alhures,
discute-se literatura, e todos compreendem
o que ainda não foi demonstrado.
Bem, não sei o que estou a dizer. Para ser sincero,
tenho que dizer que acabei de me peidar,
e um cheiro terrivelmente humano encheu minhas narinas.
Penso em Brasileiro, agora, só agora, me desculpem.

Influenciado pela peça «Liberdade, Liberdade».
E no entanto, não, bem...
A sinceridade hoje está na inutilidade destes versos.
Não dizem mais que o essencial da minha vida.
São o paradigma do meu viver, aí isso são.
Um novo Romeu... foi assim que comecei.
Que mau português!
Inestético. Arrítmico. Abrupto.
Depois, verde do céu, só como construção poética,
todos nós sabemos que isso não existe.
E se eu disser que isso existe realmente?
E não minto. Vocês têm a mania do racional, dessa batata,
dessa limitação da imaginação. Porra, se eu digo que existe,
é porque existe.
Andamos aqui a enganar alguém, ou quê?

Uma dor nos rins. Estudei os rins em Histologia: complicado.
Já não me lembro de quase nada.
Uns glomérulos, é isso, umas coisas esquisitas, umas merdinhas,
mas quem não souber aquilo não passa.
Médico, vocês são capazes de me verem médico?
Seria um crime abominável, execrando.
Estou sem verve: caricato, é quando digo mais...
Um novo Romeu pelas...
Só merda, hoje só escrevo merda,
hoje estou como nos outros dias.
A vida é assim, meu menino – já alguém me disse.
E eu respondo: então merda. Não colaboro com a vida.
Pensar em Brasileiro é bacano: sinto-me mais jovem.
Mais fresco, cheio de vitalidade. Rejuvenescido.
Um novo Romeu! Quem diria?
A propósito de quê?
Não meto Shakespeare nesta cagada. Li Otelo, e mais dois,

ou três... aprendi um grosso. Até deixei de viver!

Só um grande estupor não gosta de foder.
 Comecei bem. O problema é este: quero escrever
 uma poesia erótica como mais ninguém foi
 ainda capaz de fazer. Como dizia, só um paneleiro
 muito paneleiro não gosta de expelir os humores
 seminais na grande cona de uma dulcíssima virgem.
 Apercebo-me da minha pouca vocação para o erotismo.
 E no entanto sou considerado um porcalhão obsceno,
 um devasso, um depravado, uma tarado sexual,
 um violador, por ironia do... dizer destino não: é banal.
 Por conseguinte, do... do... Mas que posso eu mais dizer?
 Só um grande estupor não gosta de foder.
 Até aqui tudo bem, ou não muito mau. Os críticos
 não têm a sagesa que ingenuamente lhes atribuo.
 Nesta poesia queria colocar de uma maneira vulgar
 a palavra tauxiar. É... já disse,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,
 Asneirento.

Só um grande estupor não gosta de foder.
 Com a tua língua boçal e arcaica, forda de desejo,
 com a pontinha entumecida no clitóris enturgecido,
 na sucção de um prazer sem limites da conveniência,
 a ondulação do teu corpo sob o meu, desfeito em rosas,
 com o perfume do esperma nos lábios vermelhos
 de sangue, sem colhões a embaraçar o coito, cá fora,
 expoentes de uma anedota, e a tua boca nesse cu
 de galinha para encarapuçar a glande purpúrea,
 em convulsões letíferas e esgotantes, nós
 e os nossos corpos, na harmonia dos instintos
 satisfeitos e agradecidos, nesse vaivém de uma liturgia
 antiga como a merda, nessa posição ressupina

e hierática, em adoração ao falo e à borracha
e à máquina da costura, assim sem vírgulas
e sem pontos, aéreos e demoníacos, com os olhos
incendidos nos objectos do nosso amor de gestos,
suspirando por cada vértice de tontura na carne,
nos saltos do nosso arrolhar metafísico e inovador,
prontos para a incineração, afundamo-nos
entre lençóis de lodo animal e fragrância de suor.

Custou! Estou cansado. Deveras cansado.
Mais do que se tivesse perdido o meu precioso
tempo na trama das paixões carnavais.

Não sei se vou ser ridículo: sinto-me mulher, hoje.
Comecei a pensar se não seria um Homossexual.
Quem sabe! O M. não diz que tenho umas mamas de mulher?
Ele dá um nome esquisito a isso porque estuda medicina.
Mas é a mesma coisa. Afinal nem todos podemos ser
pederastas. Eu não sou. Misógino pela força
das circunstâncias. Pela força das circunstâncias?
Que é isso?

Entre este fingir que o é, e este viver que não o é,
não sei o que fazer das minhas palavras. Não sei.
Apetece-me dizer: a revolta, a revolta, a revolta.
Sem consequências.
Causa-me repugnância o que estou a fazer,
porque tinha que sentir, e agora já sinto qualquer coisa
que não é palpável mas existe, e o que desejo são coisas
que existam verdadeiramente.

Nesta época em que não se disse nada,
em que está tudo por ser dito, a minha posição

de poeta ou do raio que o parta é sintomática.

Quero dizer com isto que o sol é aborrecido e que a vulva da vaca é dura por causa das fibras de substância conjuntiva.

Não sou professor. Por isso, tudo o que disse sobre a vulva é verdade, mas só para uma aula de qualquer coisa.

Hoje escrevi três maus poemas com aquele fastio
que me é peculiar. Começo agora o quarto.
Não vai ser assim tão mau. Agora já tenho
sentimentos para justificar as palavras.

Eu, que estou em casa, já o disse algures,
que nunca estou em casa,
porque tenho nesta cabecinha
a fantasmática necessidade do real,
e o real,
com as suas adventícias conivências com o irreal,
já não passa ou ultrapassa as discussões
sobre as interrelações,
fortuito passatempo dos trabalhadores
de obras para o estrume
com que os vindouros fertilizarão as vidas
que só serão deles,
eu que encetei e já não sei acabar,
porque de repente,
e isso é a verdade, julgamo-nos mentir,
ou cuido que minto,
e pronto, a inspiração desce ao longo das costas
e desaparece, tenho o traseiro
esbraseado de almorreimas e...

Eu, eu e eu, mas só, sem tu e sem ela,
nem mais que um homem,
em casa, em Coimbra – isto é importante –,
no quarto, à mesa,
com a máquina que ainda não paguei,
em segunda mão,

comprei-a em segunda mão,
foi mais barata, como é apodíctico,
eu e eu e eu, um infinito com um fim,
escrevendo com um dedo,
sem ideias, como tinha dito ao princípio,
com nada,
sem uma só sensação,
sem as paixões apanágio dos poetas,
sem o V. e o C. e o T. ao meu lado,
longe de mim,
fora da minha actual mundivivência,
isolados e solitários como eu,
artistas sem o saberem,
da Hora e do petit espaço,
do grotesco e do tédio,
de mais nada porque não são enciclopédias,
verrumando a vida,
passajando os bordéis do ócio
sem visitantes casuais,
à espera de... na esperança de... com a ânsia em...,
como eu neste mundo,
coalidos no liceu chato com professores frustrados,
entre discussões do quotidiano e da literatura,
desprezados intimamente
pelos colegas que a vida oferta,
inculpados de serem, estiolando de... não sei,
sem a companhia deles, eu sem tu e sem ela,
tu que lês no futuro,
rapaz ou rapariga,
ou homem dos trinta anos
ou mulher na menopausa,
que conheceis Camões e os Lusíadas,
e quem mais? só vós o sabeis,

e sem ela que nunca esteve comigo,
possivelmente nem existe,
não tem olhos nem orelhas,
nem seios rechonchudos,
ou com uma existência intelectual
na minha construção de mitos,
mas espúria ou ilídima
– que bom empregar este termo –,
bichinho que não aparece
nem à força de um chamamento,
agora que a sua vinda seria funcional
e sedativa neste descenso,
sem tu e sem ela,
eu no linde do meu espasmo respiratório,
entre o invisível e o aparente,
ou com isso no peito,
nada mais tenho a dizer
senão obscenas confissões de objectividade.

Hoje já escrevi três maus poemas, é certo que com fastio,
mas não será este que burilo agora ainda pior?
Arrotear, cinzelar, cendrar, relimar – que bom dizer isto –.
Reticências... Vírgulas,,,,,, Puntos.....
Palavra. Verbo. Adjectivo.
Substantivo. Pronome. Advérbios.
Analisa-me esta oração:
Hoje escrevi três maus poemas.
Predicado? Escrevi.
Sujeito? Eu.
Três maus poemas – complemento directo.
Hoje – complemento circunstancial de tempo.
Então, o que quer dizer essa frase?
Quer dizer, que nesse dia, o poeta,

escreveu três maus poemas.

Perceberam? Alguém não percebeu? Eu estou aqui
para tirar dúvidas. Perguntem agora, enquanto é tempo.

Com o vento leste concentrado no meu corpo,
o suor na epiderme,
a queimadura gretada na garganta insaciável e dura,
a desídia desta hora está justificada.
Despir a superfície e expor à sombra
as entranhas eruptivas de gordura e amarelo pigmentado,
eis o que não posso fazer.
Mas como eu amo, independentemente de tudo,
este vento quente, em golfadas sulfurosas e cálidas,
leve como uma dança do ventre,
embalador como um berço feito de escamas.
Vinte e nove de Junho! Verão na terra,
com os indícios de tempestade na atmosfera baça,
e um sussurro doloroso na voz das árvores adormecidas.
Tempo para deixarmos a vida parar,
correr sem nós, infrene, com raiva no pescoço,
saída deste desejo de independência e de fulvo isolamento.
As roupas estão a mais. São acessórios prescindíveis,
tenho na minha consciência um campo de nudismo,
e o meu corpo no quarto em ustão de abafado clima.
Este cheiro a cigarro ou a folhas secas,
este cheiro característico,
no ar, no solo, nos meus bolsos, sobre mim,
e na boca o gosto de leite coalhado com sardinha frita,
ou de cerveja em arrotos com queijo da serra!

Com as gotículas no fâcies derretido, filho súbito de deus,
com cornos nas fronteiras de sátiros pretéritos,
e pêlos sedosos marchetados no meu peito exterior,
a caracterização completa-se com esta flauta de barro.

Um sorriso origina água,
uma fala origina água,
uma passo origina água.
Sou uma fonte.

Tarde calcinada de desterro, de corpos nas camas,
de inquietação sem causa ulterior ao calor,
de morte na terra desidratada, de resina nos pinheiros,
de refrescos que vão ocasionar mais exsudação,
de um consecutivo mijar sem olhar para a sanita,
de um remorso por indirectamente
estar de fora do espírito do momento.
Este vento que faz lembrar a cimitarra,
que na boca hianta redemoinha com a língua
e com os dentes, que estiola o cuspe e insulta o sebo,
que me faz lembrar a tarde do primeiro abandono
onanista quando tardiamente descobri
a unidade do meu ser, este vento
que consola os tormentos que não tive,
bela e esquipática maneira de ser abençoado
pelo Capricho.

Vinte e nove de Junho de sessenta e oito! Uma data
na geografia do sol e da terra. Um deliquescente
sofrer as telúricas forças divorciadas do Homem.

Se não tens nada para dizer, por que dizes?
Consegues viver com essa contradição?!

À força de me divorciar dos homens
a natureza invade os meus domínios. O vento.
O sol. A chuva: no inverno e no verão.

Minto quando digo que abandonei os homens:
eu procuro e não encontro. (Faz-me lembrar uma canção
que andou muito em voga. Hoje, em mim, não resta
dela mais que essas palavras: o esqueleto.)
Mas nem isso é verdade. Eu acho que se exige a um poeta
aquele mínimo de revelação e de acuidade para definir
a dubiedade de certas relações: uma espécie de magia.
Mas eu não sei.
Se me perguntassem o que em mim é definitivo,
eu diria que era o estar. Eu estou. No tempo e no espaço.

Ando preocupado com a minha falta de inspiração.
De há uns tempos que estou estéril e seco.
Não tenho uma ideia, uma emoção, um sentimento,
nem ao menos uma impressão.
Estou preocupado porque buscava nos versos uma força,
um reflexo do meu estar;
mas agora nada, tudo sombras e bafio.
Procuro mesmo em mim, num refocilar
das minhas capacidades, um germen que fecunde e cresça.
Mas nada.
Como se as palavras me abandonassem, essas malditas...
Por isso, quando acordei, ao reparar que o meu quarto
foi invadido pelas formigas, eu pensei escrever

qualquer coisa sobre tão mesquinho evento.
Nada.

Uma outra ideia, mais insólita, é descrever
o meu quotidiano:
mas eu não consigo fazer mais do que isso,
quando escrevo.

Escrevi um postal à família. Hoje é princípio do mês
e preciso de dinheiro. Falei dos exames, mas pouco.
Sou um estudante. Segundo ano de medicina.

O mau gosto desta poesia!

Sem estilo, abortada, indecente.

Entre, entre, entre, entre, entre,
estou sempre entre.
A inconsistência do que não tem nome
não é reflexo de alguma coisa.
Confesso até que o estar para aqui, que já não duvido,
não significa mais do que o estar para aqui.
Tautologia.

Taumaturgo, veio-me à cabeça esta palavra. Uma palavra.
Demiurgo – associações livres, psicanálise.
Coragem – de quê? Hoje digo: em ser medíocre.
Amanhã?... Sou um homem.
Sou incontestavelmente um homem.
Tenho sonhos no intervalo das insónias. Minto.
Nunca tive insónias. Minto. Já tive pequenas insónias.
Hipnagogia insuportável! Dor de ódio à escuridão de fora.
Nunca apreciei a palavra orgasmo. Sou um complexado.

Preciso, é a verdadinha do momento, de foder.
Esvaziar os sacos. Vocês sabem o que é isso?
Estas pequenas necessidades dos homens...

Liberto de tudo, dos inconvenientes e dos aborrecidos,
das masturbações que enfermaram toda a minha juventude
sem amor, no meio cheio das estúpidas horas de salvação
no jogo, mexeriqueiro com a convicção de um taumaturgo
caseiro, filho espúrio da mentalidade crítica dos falhados
na vida, pai de abortos com olhos de lua e chapéus de palha,
versos onde a insuficiência e a verborreia estão sempre bem,
dono dos astros que não são de ninguém, nesta reviravolta
onde as ondas do mar não entram, preocupando-me
com o avanço do progresso como da minha pessoa,
ambíguo quando finjo que fujo aos problemas essenciais,
no destemor desta encruzilhada esquipática porque
sem caminhos, escravo do estar e do ser e do viver,
com duzentas palavras mágicas no bolso roto,
sem liberdade de acção ao retrógrado e ao inverso,
onde a chuva e o tempo não entram, com o carinho
do nada na alma, espártaco das horas onde a imaginação
navega rios de ouro, cabeçudo para a compreensão
do que os outros distinguem sem dificuldade,
eis que nem os retratos dos antepassados são
os meus precursores, nem as filosofias dos mais velhos
neste ofício de obrar trazem as soluções que jamais procurei,
mas não encontrar é a suprema vilania dos covardes.

Senhor deste suor onde o verão é um estranho, com odes
ao sol de um inverno que já passou porque nunca existiu,
do nada para o nada em esotéricas manifestações
de bom gosto, o que de mim há em mim é tão pouco
como a água no deserto, e os alicerces com que sonhei
ontem em que tomei uma caneca de cerveja trazem
fulgurantes ideais que não aceito porque estou velho.

Escrever sem vontade, ou vontade sem escrever, o disparate dos teus olhares quando procuram em mim uma resposta, quando eu sou um mercado de perguntas sem resposta, faz sorrir esse homem que um dia, já o disse, acordou, e foi ter com o recado de um miúdo vindo da parte de um desconhecido que gostava de conhecer as vidas dos homens para depois dizer no círculo dos seus camaradas não comunistas, que só ele teve a ousadia de ir ao fundo das coisas, e que só ele é possuidor das máximas que dignificam a Humanidade.

Porque estar aqui, como ontem, não é a mesma coisa que uma repetição, porque se todos os dias são idênticos como dois gémeos, os minutos são sempre diferentes, e embora isso não seja importante, é um facto, e eu diante de um facto calo-me, não sei porquê, talvez porque me disseram que os factos são problemas ou realidades indiscutíveis. E eu que não me vergo diante de nada, que sou irascível como uma cegonha ou como um amarelo bem vincado, obedeço cegamente aos juízos codificados, porque não quero sofrer a vingança dos reaccionários, porque sou para futuro, e o resto sem mais nada um nada.

Vizinho dos pobres que existem como moscardos, amigo dos homens, com uma vida que não é boa nem má, está simplesmente a prejudicar, filho de outros homens, particularmente de uma fêmea e de um macho, com irmãos, com avós, com tios e tias, com primos, sem família, na condição prosaica e esporádica de filho, sem vislumbre de mais nada, na esperança de não ser mais nada, amigo dos meus amigos com ciúmes dos que não são meus amigos mas convivem

com os meus amigos, fechado porque essa palavra
me seduz e me atraiçoa, aberto a todas as inovações
deste e de todos os mundos – eu até creio na existência
dos marcianos ou quejandos – , compreendido
pelos homens quando não quero ser compreendido,
inocente como mais ninguém, um verso de um poema
de Baudelaire.

E estava nessa posição de vírgula usada demais,
 com os olhos na alma, os outros sentidos no fogo da realidade,
 esperando que um ruído ou uma dor preenchesse o tempo
 e o sofrimento. Com meia dúzia de descobertas passadas,
 com um rochedo de preconceitos, pletórico dessa seiva
 que temos vergonha de confessar, entre o mar
 e a velha angústia de quem espera o que não sabe,
 ciente de que a verdade não estava ali nem em qualquer parte,
 sonhador onde as palavras mistificavam os símbolos
 e recriavam a hedionda necessidade de uma verdade.
 E com os cabelos surrados pelo pente de todas as manhãs,
 lustrosos como uma greve de sindicalistas sem imaginação,
 sadios como uma rechonchuda burguesa do nosso portugal
 medíocre, esses cabelos acariciados pelas putas dos bordéis
 da capital, filhas envergonhadas do campo e da inocência
 viscosa, e essa face com um não sei o quê de feminino e de goma,
 onde os olhos frios e brancos como uma casa de verão
 davam ao conjunto esse ar bufônico que scandaliza os espelhos.
 Mas a roda das sensações sem rubras manifestações,
 e as ideias que necessariamente aparecem no seio da terra,
 nesse crescer de maré em que os afogados aparecem
 carcomidos pela trivial morte e pelos peixinhos antropófagos,
 concitavam o homem que tinha a mão no triângulo
 de uma árvore vetusta e que sorria sem o saber para as horas,
 dizendo: lá chegará o meu tempo, lá chegará o meu tempo.

E feliz, com essa felicidade onde o contrário nunca se insinuou,
 caminhando ao sabor de uma vontade imaculada, percorrendo
 a cidade e as velhas ruas onde os turistas vão eternizar
 as viagens de recreio, galgando, que não o era, os campos
 dos subúrbios, porque todas as cidades possuem uma rodela

suculenta de subúrbios arejados, o nosso homem, filho e ainda não pai, jovem como as manhãs de comprovação de mais um sonho polutivo, cheio desse mediterrânico *charme* a que chamamos encanto, pleno de tudo e de nada, sem quefazer e com tempo de sobra para gastar na quezília com o espaço, amigo de um poeta que vive alhures na terra, seu irmão espiritual, porque ainda há disso neste século vinte de pequenas merdinhas, esse poeta que não tem talento mas pensava que dizia coisas já sabidas e consabidas pelos seus coetâneos e conterrâneos no mundo, que um dia, depois de uma refeição de batatas e reflexos de subdesenvolvimento, com o estômago no lugar comum de dar horas antes do tempo, sem vontade pura para mais qualquer coisa que escrever, sem ao certo sofrer o ferrete da fome de um dia e do suor de um verão sulfuroso, esse poeta que se preocupa com a vida e com a morte, fora de moda, isto é, eterno, com as consumições quotidianas testemunhadas no diário que por desídia não escreve, esse poeta desconhecido e cadavérico, baixinho e com dois colhões que podiam ser maiores, sem saber anatomia, com uma trivial admiração pelo pensamento livre de tudo e de todos, cômico da sua vulgar estadia no mundo, responsável pelo mesquinho, com olhos míopes que não vêem mais que dois metros de perímetro, com esse odor característico dos obesos e que sabe a mel coagulado, nesse dia em que o vento e a tarde são hotéis de má vida, e em que o próprio cheiro da atmosfera é levemente obsceno, sem sémen, é certo, mas com insinuações de ritmos impróprios, rindo-se do que diz e do por que diz, só na ubiquidade das coisas, com esse velho e empertigado sorriso de quem pensa que não sabe nada, filaioso como todos os maus homens das artes e das concupiscência, incondicional admirador das mulheres

com quem nunca fez amor, detractor das amizades pueris
desse período em que as maiores barbaridades não podem
deixar de ser pueris, para bem da lógica e do humor,
sem palavras feias, com aquela displicência que fica
sempre bem, esse amigo do homem que no campo,
sob a sombra de uma árvore, sem quefazerem nem distúrbios
de consciência, não puro, mas também não violado,
com as maleitas próprias da natureza, e aqui, porque é
aqui, este homem que escreve com medo de acabar
de escrever, porque enquanto se masturba com as palavras
a vida perde-se e não incomoda tanto.

Não que a noite tenha alguma essência, mas estar à janela, com dois olhos de um conto de um russo desconhecido e este último sabor da solidão própria deste momento, não é fácil e traz problemas para quem nunca pensou na dualidade das relações entre os homens e as coisas. A escuridão desta noite, com a electricidade longínqua das lâmpadas marchetada caoticamente na neblina de estranho olor, sem ruídos anormais ou horríssimos, sem febre e sem cansaço, esta noite em que o silêncio não preenche nem consola, mas predispõe o homem para os voos da inventiva e da angústia, quando da sua janela de cariz subitamente diferente pergunta ao não sei quem que sabe que não existe, o que faz aqui, neste tumulto de gente e de objectos, sabedor da sua vida com memória e remorsos ingénuos, alheio por vezes das misérias que o mundo aborta sem dor, guerreiro onde a futilidade do grito não atinge as estrelas.

Mas eu que estou a escrever esta poesia, eu que sou um homem, que não estou à janela, embora seja noite, que neste quarto de desenganos procuro em mim mundos novos e quem sabe insuspeitados ou mal definidos, estou contente por ter a possibilidade magnífica de dizer, de dizer muito simplesmente, de ter voz e intuição, de poder manejar com à-vontade as palavras, de, enquistado pelo pessimismo, passar a demiurgo de verdades, senhor supremo de um reino onde o único escravo sou eu.

Não é felicidade! Não é qualquer coisa que já tivesse sentido antes, mas existe o que estou a sentir. Não, não me importo

de não poder exprimir toda esta balbúrdia de alma
e quiçá de sexo, não me importo desta semi-impotência,
hoje eu escrevo com lágrimas folhetinescas estes versos
e as palavras são árvores ou o que tu e eles quiserem.
Não, hoje não discuto: estou só, na janela onde a metafísica
não entra, sem solidão, acompanhado fisicamente
das estrelas e do silêncio, se isso for possível, talvez não o seja,
com esta alegria que roubei a um poeta meu irmão,
com este calor que não é de maneira alguma do verão,
todo meu, feito só para mim, para impudicamente
poder cevar este lânguido enaltecer do Momento.

Como todos, diante disto que não vejo nem pressinto,
mas está, sem mal-estares ou medos momentâneos,
com a palpitação normal, belo sem atingir
aquela obscenidade que adquiri com a erudição,
sem dores de cabeça, sem sem sem, com este difícil
encobrir da realidade, espúrio como a cotovia
que não conheço, mas o que conheço eu?!,
com aquele amarelo que comecei a amar e a detestar
com Van Gogh, com a eutimia de uma hora perfeita,
redimida e banal, sofrendo dentro de mim os sopros
de uma inconstante grandeza, estático como nunca,
preguiçoso como sempre, já sem esperar,
escutando as convulsões delidas que só os meus ouvidos
prospectam, esses espasmos nocturnos que a natureza
arrota sadiamente, e com as impressões interiores
desta visão optimista da vida, sem ralhos e falsas querelas,
absoluto como um minuto de respeito, captando no ar
da noite esse sentido de que só poucos se apercebem.

Nunca o estar só neste recinto a que chamamos vida
e dor compensou tanto a minha trivial ânsia de nada,

os olhos dos homens que não tenho oportunidade de ver
existem, estão aqui neste espaço imaterial e fugidio, no acme
doloroso de uma criação que o imprevisto não catalogou.

Sem dores nem percalços, nesta janela insubstancial
e verdadeira, no esguardo de sentinela circunspecto
e atento, sem as vetustas e obsoletas consumições
de todos os dias, melhor que os piores momentos
de vida extra-uterina, só a minha imaginação
e a minha vontade podiam proporcionar
edénica mentira para o desanuviar do espírito.

Obsessivo, todo o meu pensamento é obsessivo e periódico,
como se tivesse pouco mais que a oportunidade de variar
as formas para o atavio monótono da mesma razão
e do mesmo delírio.

Na loucura de quem vê o tempo trespassar a vida,
indefeso e arrogante com a prerrogativa de o saber,
eis o homem que eu sou.
Eis este desejo de dizer que sou lúcido,
quando afinal a lucidez não existe, ou se existe está a mais,
como muitas das coisas que fogem ou escapam ao desígnio
do Homem.

Como a ridícula presunção de escrever com agá maiúsculo
me deixa lívido e preguiçosamente irresponsável.
Os valores, as escalas de valores, as montanhas de valores.
Já não suporto o ter que dizer que o homem é o rei,
e o resto na medida do arbítrio dos homens.
Estou cansado da mistificação.
Se me vêm dizer que a superioridade deste bicho está na razão,
eu pergunto diante dos morticínios e dos genocídios
onde raio a razão se comporta como deve ser!

Merda, eu não me posso incomodar com estas futilidades!
Se os homens se quiserem matar, que se matem,
mas deixem-me em paz, ou levem-me convosco
para os escombros do nada, que ficar assim,
em permanentes ameaças, é demais, já passou o tempo
em que podia brincar, agora não tenho tempo
para me preocupar com essas coisas ditas sérias.
Deixem-me com a minha loucura, preciso de descanso

e de sorna: não sabem quanto é difícil viver com sensibilidade e intuição, e essas questiúnculas só transtornam o meu viver. Porra, não estou para as brincadeiras aos revolucionários. Quando quiserem lutar com verdadeiras armas, venham ter comigo, não me importo de morrer por mais uma gratuidade útil aos outros.

Eu sei que esta situação está mal. Está péssima. Eu sei que os homens têm que ser iguais para harmonizarem o universo, para não dispersarem os horizontes nem para corromperem a verticalidade; mas para a conquista da vitória sobre os opressores, homens que não são desta época, mortos-vivos, museus de estagnação, é preciso sangue e luto no coração dos que vão vencer. Não são as palavras que vão modificar as coisas: são os homens.

Não me peçam abaixo-assinados para isto ou para aquilo que não passa disso, nem me digam que isso já é alguma coisa: não é nada. Modificar é matar o estabelecido e criar o novo: o resto são as tais pequenas tergiversações para podermos dormir sem remorsos e placidamente. Em frente, digam-me quando começa a revolução, eu não tenho armas mas possuo um corpo para o alicerce da revolta.

Não que a minha vida se resolva nesta luta de homens: mas muitas primevas vidas alcançarão a meta que desejaram. E eu, para andar bem na rua, preciso de saber que os outros não passam fome, que têm uma casa onde esconder a vergonha de viver, e que possuem uma dignidade

para desafiarem as estrelas.

Eu quero sentir que tenho irmãos.

Por enquanto a minha sabedoria e a minha bondade
é que me dizem que os outros me são iguais neste suceder
de factos a que temos a veleidade de chamar vida.

Sentir ao vivo, para justificar esse mito longo
dos antepassados, que cantaram a amizade e o amor
como as mais lindas coisas do mundo.

Eu não quero que os outros me compreendam,
quero que eles saibam que o que digo é uma ínfima parte
do que não posso dizer.

Nas desoras da minha emoção limite – onde li eu já isto? –, sem que a fadiga vença as minhas palavras, inessencial como todas as utilidades rendosas e terreaís, mas isento dessa preocupação plumitiva de fixar a realidade, com o gosto de escarrapachar palavras para depois descobrir-me, insincero como tudo, lembrando-me de Verlaine não sei porquê, gostando de Baudelaire porque possuía o Complexo de Édipo, leitor onde as palavras insinuam vida e falsas acusações, com a mentalidade nova de quem não percebe nada, vivendo como se os outros existissem de fora e para fora, com a invisível preocupação de não incomodar mais que a opacidade, homem ou rapaz onde o tempo escreveu vinte anos, sem destino nem porvir acrisolado na esperança em falsete, amigo de quem não conspurca o mistério com revelações idiotas, leitor de *Lolita* onde a masturbação compõe sinfonias de sexo, com esta desagradável vontade de sair de casa à hora do jantar, vivendo em conjunto com doze rapazes da geração de setenta, filho de burgueses que não sabem que o são, defensor veemente da futilidade e da revolta, causador de istmos nas virtudes das mulheres crepusculares, escandalizador das obscenas razões pouco ou nada razoáveis, solitário onde a angústia não é pretexto de literatura, sofredor da desordem física dos nervos ou do raio que o parta, agora que estou naquela época em que todas as horas são crises, medito na causalidade espúria dos trambolhões metafísicos, e digo para mim que, se fosse para uma ilha do pacífico, levaria uma mulher que tivesse um corpo como uma piscina e dois autores que jamais morrerão enquanto viver: Fernando Pessoa e Albert Camus.

Influenciado por todos, diabolicamente esventrado por opção,

senhor do que sabe, e não é muito, medíocre a seu modo,
goliardo destas horas de tardes onde o amarelo brilha e corrói,
empanzinador de escravas denotações de viver isolado,
capaz de uma verborreia onde a inanidade não entra,
confessional onde o intimismo existe à flor da epiderme,
rindo das loucuras juvenis que nunca engendrou
nem capitaneou, bondoso com os que não gostam da poesia
ou da música, compreensivo com os problemas humanos
que ninguém deseja resolver, eu estou aqui, máxima
sem poeta ou prosador, extranumerário, com um passado
envolto naquela bruma que purifica e aumenta,
neste devir permanente onde as incompreensões escaldam,
preparando ousadamente o gratuito futuro de pesadelos,
entre a vida e a morte, entre a vida e a morte.

Dizer livremente o que sinto, todos sabem que são palavras,
é tão belo como esfolar vivo um porco ou nadar no mar,
porque é a emancipação dos terrores que os outros
nos legaram. Medo?! De quê? Das críticas?...

Merda, como sinto em mim esta necessidade lúcida de ser
medíocre, de escancarar aos homens a fealdade de uma vida
insuportável, fazendo com que as minhas palavras
não traduzam mais do que isto: o jogo do homem
que brinca com a possibilidade de deixar de o ser.

Cagar, mijar, beber leite, líquidos de ouro ou de verdete,
com toalhas onde os olhos possam escorrer mel,
com toda a sabedoria aprendida nas escolas oficiais,
filho de uma civilização, sem incomodar os juízos
dos que se codificaram em granito, livre como a indecência
desta hora onde a palavra lucila de sortilégio,
com este espermático desfibrar de loucuras fisiológicas,
inimigo das cortesias e das conas eivadas de sífilis inumana,

capador de touros gregos e de críticos que amam a verdade,
simplesmente só e duro, pronto para a investida das falanges,
miúdo como as estrelas longínquas, sem saber como acabar.

Com o nervosismo lúrido na minha cabeça,
fugindo de mim em porções de riso e suor,
mostrando aos outros a superioridade do meu raciocínio,
estou eu no café das horas do interregno.

Convergindo para dentro do meu ser todos os sons,
todos os reflexos de esmalte e de ouro medíocre,
todas as facas vocais de tons fora da escala,
todos os perfumes miscigenados com sovacos e virilhas,
todos os negros tauxiados nos dentes e nas argolas de louçania,
a dispersão dos meus sentidos prostitui a minha integridade.

Não é por acaso que estou agora no seio misterioso
do mundo, e que estes bichos, sem qualquer espécie
de pensamento reservado, me parecem as marionetes
dos circos que nunca vi na infância.

Mas a noite está. É nobre arruinada pela obtusa electricidade,
sussurra insinuações nos hipersensíveis,
e eu que estou na noite, dentro dela, se for mais preciso,
e que não sou bem um poeta, sinto fora de mim e para mim
este estranho remorso vindo da natureza.

Medito. Mas as palavras que os do lado me exigem,
e com certa razão porque o meu corpo está entre eles,
não me deixam saborear a futilidade da minha imaginação.

Vejo perfeitamente, entre as copas das árvores, um sorriso
que não sei de quem é. Não é meu: eu estou em conivência
com estes homens com quem a minha vida se cumpre
e se aborta. Mas o sorriso, que não é nem loiro

nem sequer misterioso, mais parecido com aqueles objectos que continuamente desprezamos, ou com a lógica que está simplesmente a mais, esse sorriso situado entre as reminiscências bíblicas e a modernidade do recinto onde as luzes são artefactos, mostra-se impudicamente ao meu olhar, e desperta no meu súbito silêncio uma nostalgia sem um fundamento ou sem uma causa.

Ouvindo as esperanças no futuro dos meus coetâneos, sofrendo displicentemente as suas dúvidas e os seus desânimos, comendo fesceninamente a Hora e o Cosmopolitismo estival, sem um pensamento das razões do meu viver, lembrando-me de um poema de um desconhecido americano, temendo que a sua influência não me consuma o porvir, as divagações comunitárias trazem e suportam este ar de fastio.

Mas uma jovem de idade levemente superior ao vulgar, sem aqueles olhos a que estamos habituados de ver nas revistas de beleza, sincera à primeira vista, sem se dar ao mínimo trabalho de me saudar, bela como um poema de Prévert sobre a arte de Picasso, sonora sem estrídulos de maneirismos tumefactos e tumulares, desconhecida cuja vida eu já desvendei entre este lapso de fantasia, senta-se na mesa vizinha e adormece sob a crista do nocturno.

E eu que estou neste café para acompanhar os homens, que não fazia a mínima ideia da existência desta mulher, julgando mesmo que as mulheres eram o limite surdo da minha sexualidade, fico estarecido com a morte branca da face de esfinge loira.

Mas como sou um homem civilizado, ou sem pretensões a uma coisa dessas, não me levanto nem pergunto

o que lhe consome: ela está aí, a dois passos,
e eu aqui, entre esta malta de caras rotineiras e usadas,
sem aquele ardor de comunicação
que se observa nos filmes de Bergman.
Tu, filha desta noite que propositadamente não vou catalogar,
para que fique e permaneça no anonimato da eternidade,
saída de qualquer ponto exterior à minha angústia,
rósea como um verde,
vieste estragar este disfarce succulento de solidão,
para que esta noite não durma sem insónias ou borborismos.
És a mensageira de quem?

Se outrora eu pensava que dizia lindas coisas,
 hoje eu sei que as coisas que não digo são verdadeiras,
 e que todas as palavras com a falsa aparência da vulgaridade
 estão pletóricas desta subvida que cresce nos meus veios.
 Com um sofrimento envergonhado de o ser,
 acossado de morte pelos pais da boa idiossincrasia telúrica,
 esses senhores que cagam na morte e cospem na angústia,
 ou discutem a essência ou a origem desses «problemas»
 como se realmente não existissem e não passassem
 de imaginação

Decorreu uma hora das primeiras palavras deste poema.
 Fui interrompido. Já não sei como recomençar...

Sorvi a tarde entre a leitura de uma revista internacional
 e este desconforto por não me sentir com vontade para estudar.
 Tenho exame segunda-feira, a minha mãe escreveu:
 tem cuidado com os estudos, olha que é para o teu bem.
 Agora que a tarde esmorece e agoniza,
 com a faculdade dulcíssima de escrever as minhas nonadas,
 só com os papéis e a máquina de conivente teclado estrangeiro,
 pensando se isto é ou não viver, sem resposta,
 cuidando que tudo afinal é viver mesmo quando não gostamos,
 e culpando o meu desejo injustificado e ilusório de outra coisa.

As palavras saindo fluentes e rítmicas, eu estou a senti-las,
 ágeis como gaivotas de uma novela lisboeta que não li,
 marcadoras como a tenacidade ilídima do calor fedentino,
 portadoras desta insubmissa necessidade de evasão.
 Falar de mim, das deambulações pecaminosas
 das minhas entranhas, dos meus estafados estados

de alma, – como me rio com o que digo –,
dos problemazitos com a arquejante face do cinismo mórbido,
das relações sorvadas que me empurram para os outros,
da ressaca que o meu viver sofre entre o nada e o tudo,
que bom, que bom, que bom!

Este dia verde, já não amarelo, litúrgico, assexuado, virgem,
pleno de exalações onde a amora é rainha e o limão é rei,
tarde sem atingir a pontualidade snob dos monárquicos,
manhã onde o sono saiu de um longo esviscerar de pesadelo
fulvo, perspectivas de noite num cinema acolchoado da cidade.

Com o Zé Manel dizendo impropérios beatíficos à mesa,
com o sorriso larvar e clarividente do Vitorino no retoíço,
com a intranquilidade apaixonada de um Teixeira simples,
com as discussões febricitantes de um Guerreiro céptico,
isento do cinismo quase burocrático do Artur,
acompanhando a leviandade mágica e ingénua de um Zé Luís,
eu estou nesta casa que sou eu e os outros,
abandonado das curiosas manifestações do espírito,
mas invadindo sub-repticiamente o antro doloroso da vida.

Como dizia, não sei se hoje se ontem, mas que importância
tem isso?, o tempo não é mais que o somatório
destes imprecisos apostos, a tarde não é um acaso
na origem hierática do meu génio.

Pelas horas de obumbração vis ao infinito caótico das coisas,
levemente estranho das revoluções abjectas do mundo exterior,
vivendo do fundo da minha alma para a superficialidade
do meu existir, colaborando no plágio involuntário
do quotidiano e do tédio, conhecendo sem mácula
de qualquer espécie o fim deste detectar, a minha palavra
que nunca foi de ouro porque é da experiência,

está exumando a realidade do meu porvir
e fixando a multifária exaltação da Hora e do Círculo.

No começo de mais vinte minutos entregues ao abandono e ao desespero da descoberta sem significado de utilidade, com os sentidos grávidos das sensações de odores e alores carregados de símbolos mágicos e virtualmente imaturos, sem ao certo saber o que vou dizer, porque seria um limite, mas sabendo que tudo o que for dito será demasiado humano, entre a desídia de quem vê o mundo sem o caminho do acerto e esta necessidade feita de mentira e de luz desmistificada, vendo do exterior a fragrância deste calor sem escamas mas pleno dos suspiros tórridos de invasores africanos, e emergindo do interior o revérbero matutino de uma certa emancipação salpicada de trabalhos e ódios passados, eu estou sem me aperceber muito bem do que é feito da minha náusea, agora que da escuridão das insignificações como de outrora não sai mais nada que este psitacismo de deslocada lucidez.

Perdendo o desejo de ser, contente com o que isto é, no interlúcio da minha desolada vida de choros e psalmos, com os braços estendidos não ao céu mas à terra, neste espreguiçar de metafísica para os sábados à noite, límpido como a mais pura donzela que ainda não nasceu, eu, e a minha vida jorra cânticos de desafinada melodia aos passos dos outros homens que subsistem sem a grandeza da Iniciação, ávidos que cendraram a vida de todas as especulações, velhos selvagens que comem e bebem o marfim da incompreensão com esse ar libidinoso de um marinheiro que enceta mais uma aventura. Irmão de todos, não só dos homens porque seria muito pouco para mim, bendizendo a tresloucada visão dos incógnitos visíveis, fazendo claque com relas ou cornos de bois,

a minha voz não se levanta do tumulto das outras,
e eu não sou mais que um anonimato entre a galeria do Banal.

Príncipe, sem coroa, da Hora, proprietário do Espaço,
fotógrafo das correntes diárias de impressões e ideias,
criador da palavra divinizada e infinita, amigo onde a religião
não tem o azedume de um sacrilégio, pai um pouco de todos
estes seres que não gravitam em redor de mim, sem ser filho
de ninguém porque basta ser homem, sofrendo mais
que cevando, mas como isso é masoquistamente bom,
disposto a levar ao fim o Capricho e o Palpitar de Sonho,
com pressa para que este poema se acabe – estão a chamar-me
para comer e eu não quero ser mal-educado –, no princípio
da maior revelação ainda não revelada, inconstante
com o meu temperamento onde o nada é lei, eu vou dizer,
se me deixarem – mas quem me impede, quem me impede? –
que gosto de viver e de ver isto, este calcorrear de espinhos,
esta frondosa dose de espúria animalidade invicta,
este estrábico alindar da desordem do universo,
esta improfícua procura sem um nunca longo encontrar.

Agora que ainda não disse tudo porque já tenho sono
e preciso de comer, agora que o barulho dos companheiros
não me deixa ser nada por minutos, agora que gostava
de estar aqui sentado a escrever, longe do que desejo,
eu vou largar esta máquina e sem pena alguma vou comer
lautamente. Não me perdoem, não me perdoem,
não me perdoem. Mas vós que estais a ler estes versos,
vós que estais longe e sabeis perfeitamente
que as minhas mentiras são verdades evidentes,
não tenhais esse estúpido atrevimento de me invectivardes.
Eu, que estou aqui, longe da esporádica admiração

do vosso sentir, sem vos conhecer com carne e risos ou choros
nos lábios, eu, dizia, gosto de vós e amo-vos como aos dias.
Também vós sois descaradamente incompreensíveis.

Até que a Hora chegou. Fim de um dia, possibilidade de começo de outro, contando minuto a minuto a insuficiência do deslize do ponteiro, fixando no ser a trucidante impressão de um momento superior, sentindo, e oh, como se sente quando a vida não é mais que tempo, a invisível auréola que pode muito bem ser imaginação, mas icástica, fina, imperdurável, levemente gazeada de sons mussitados, como um bafo de um animal no mericismo invencível do passado, sabendo que se está a ser possuído sem falos ou conas, placidamente entre dois olhares para o silêncio do oráculo órfão, com o sentimento de se estar a atingir a maior alegria de sempre.

Eu não queria estar a falar destas coisas: talvez ninguém acredite no que eu digo, e isso é extraordinariamente bom. Os homens devem ser mesmo assim, lúcidos, polutos, toscos, incapazes de se arrastarem por um pressentimento que pode ser só inventiva.

Mas eu que sofro, como todos sofrem alguma coisa, esta hora, influenciado pela visão apocalíptica de Fausto e do seu remorso, vendo nos mínimos inefáveis um aviso do nada, súbito deus de incontroláveis domínios negados ao homem, filho da Sorte e da Exulceração, iniciado onde o Acaso se comporta como um déspota, eu que agora estou no desamor de testemunhar esta hora crucial, mas percebendo que tudo seria na mesma se procedesse de maneira diferente, se não intentasse cravar no seio do papel este amorfismo Lúcido, eu não sei

por que estupidez perco este tempo que seria mais útil
no meu sonolento ressupino de cansaço inadiável.

Um plinto ou um santuário para a preguiça,
eis o que construiria se pudesse esviscerar em mim
este interlúdio sem fim. Mas estar assim, inactivo
e activo como uma fera, gozando a neutralidade,
sem um pensamento maior que o pensamento
de estar, sem um sentimento tão intenso
que ultrapasse a voz dos acontecimentos comezinhos,
sem um sonho que me perca por sarjetas e montículos
de cetim, sem a imagem de ninguém a fornicar ideias
ou razões abomináveis, só como todos os objectos
espalhados pelo redemoinho da sala, sem a substância
de qualquer coisa a proliferar raivosamente, enfim,
comigo próprio onde o próprio é ficção
e mentira psicológica, eu estou para o Nada
e para o Sempre, nesta perfeição conjugada
com a eutimia de uma organização que me escapa
e se escapa, figuração de uma abandono ao eclectismo
das horas imperfeitas.

Possuindo um acervo de mundivivências colmatadas
pela memória, barítono de uma música onde o dó
não chega a insinuar-se, filho livre das besteiras
que os homens vetustos criaram bondosamente,
absorto na frivolidade subtil de me saber homem
desempregado, optando pela sinceridade magnânima
da desídia como expressão de uma vontade,
o meu corpo e eu, ou eu no meu corpo, estamos
infinitamente bem, rodeados pelas flâmulas brilhantes
dos outros mundos humanos, isolados das rochas
onde a incompreensão abusaria da nossa inocência,

desplacentados até às raízes do nosso viver anfigúrico
e usado, já sem o atrevimento de desequilibrarmos
o universo, estáticos, maciços, ocupando o estrito
espaço da nossa adiposidade indesculpável,
silenciosos como um morto no esquife filaucioso
e cosmopolita, enraivecendo todas as formas
de progressão para o fim, não queremos mais
que a deselegância de sermos maltratados.

Mas a Hora ainda não chegou. Nem o dia findou
definitivamente: eu surripiei ao momento de desatenção
um resquício do Ontem e do Passado, e agora brinco
fabricando vidas e paixões com os desperdícios,
supondo isto ou aquilo para atingir tal fim previsto,
conspurcando a imaginação com a fantasmagoria
de pesadelos insinceros, demiurgo onde a desonestidade
não vai ao clímax de abortar homens. Mas a Hora
ainda não chegou. E quando aportar com bagagens
e falsas ideias, a minha vida não será diferente.
Eis a conquista, eis a banalidade.

No interior anatómico do meu crânio, um comício de revoltosos em efervescentes desmandos e raivas tumultares, fluxo lasso de nervos no redondel onde a ironia fisiológica grita bravos e cospe sangue, sem rei nem roque, agudíssima cerebração neste começo de tarde, obnubilado por uma rede de lodo ou de compactos areais de sono, com o pesado palpitar de veias nos interstícios do pântano.

Estou obscuro e vadio como um cão de luxo, sinal inexorável da loucura, impressão monstruosa de um destino de fantásticas histórias, remoendo o nada e o insólito desta cabeça entroncada no abismo do tédio.

Quanto do meu suor é agora o que escrevo sem muito bem comandar este fluxo misterioso de palavras que adicionei com os anos e com o ócio, para hoje sem muita vontade para isso cantar a dor de cabeça excelente, saída sabe-se lá de onde, minha como a caganeira de ameixas e de figos, importuna como todas as coisas que displicentemente crio sem razão, mas condenado a criar como se fosse a inerente condição do meu viver.

Meu? Por que não teu ou dele?

Estava estendido na cama, tentando estudar, quando comecei a visionar através da parede compacta e fria um sonho real em que o cansaço era a principal personagem desse flébil drama. Agora já me abandonei ao contraditório dessa visão espontânea e ingénita, estou para aqui neste clangor onde as palavras são insignificantes testemunhos e a dor de cabeça um facto que tanto gosto de juntar ao brilho do quotidiano.

Sem vontade. Sem desejo. Sem amor. E embora tivesse sonhado com ela, a imagem do meu desconforto sexual, com o toão inadmissível da muralha protectora do seu sexo feminino,

ou com a leve discrepância dos seus seios, porque aí está uma incongruência que ainda hoje não percebo, por mais que me digam que é o órgão de aleitamento dos nascidos – mas o que estou para aqui a dizer?!

Sócrates e Buda sem deus e sem anjos, vinde até mim e desplacentai-me deste Nada, colhei em mim as rosas do meu amor sem... bebei comigo esta experiência ímpar, resfolgai diante do...

Não, não tenho imaginação, já não sei o que digo, não estou louco mas é como se o estivesse, já não penso, já não sinto, já não sofro, tenho agora esta cefaleia terrível – mas como as palavras são mistificadoras –, este peso no céu do meu cocuruto, inane e atrevido, doloroso, sério, infrene e demoníaco, pleno de calhaus e de amarelo – agora que a minha vida se resolvia em azul –, pensei nisso outro dia, no cinema, porque um filme colorido insere-se na minha vida com dentes e armas, mas mas mas...

Era isso, eu estava no azul e dizia: estou a passar por outra fase da minha vida, agora o amarelo não é mais o fulcro crucial da minha existência, e hoje, vejam lá a pouca sorte, novamente este sentido trágico no amarelo sulfuroso e tórrido, escaldante, infernal como as chamas de um cigarro, quando o azul era o meu novo signo, a fachada do meu último sentimento, mas de que vale isto se os homens não compreendem, se vão julgar que estou no fabrico de literatura, que estas fantasias não transcendem o campo glorioso e mirífico das artes, quando eu, pelo cão e por Sócrates, estou, e cuido que a vida dos meus orgulhosos anseios se resolve em pinturas essenciais, mas agora que o amarelo que aprendi com Van Gogh enlouquecido e mitológico (como eu amei Baudelaire e Verlaine e Rimbaud porque eram malditos e eu o anátema!), mas agora tudo mudou, sim, tudo mudou, eu estou aqui, hoje, e já fui

criança, eu fui, eu quero ter uma infância e uma adolescência, – quem não quer uma coisa dessas? – mas agora é de todo impossível possuir uma coisa dessas, porque é tarde, mas dizem por aí que nunca é tarde, há mesmo um filme que se chama: «Never too late», e eu que vi esse tarado filme americano uma tarde em que não tinha nada que fazer, estou aqui, sem saber o que quero – mas isso é a característica fundamental destes gloriosos tempos – diz-me um pedagogo ou qualquer outro encartado, e eu que não vou ter a coragem de ler o que estou agora escrevendo – Brasileiro? –, mas isso é mentira porque amanhã, ou hoje mesmo, quando sossegar deste imbróglio, vou pegar no papel e corrigir estas linhas, é a verdade, tu que me lês, é a verdade, e se tu não acreditares numa só palavra do que digo não te aflijas, assim é bom, eu não passo de um maluco, mas esta dor de cabeça, oh esta dor em cima de mim, como me custa a suportar, pesada como o ferro, vergada até ao solo – mas não é verdade, eu estou com uma cefaleia, eu estou com o meu corpo, eu estou aqui, cidade de letrados, oh, como estou exultando de risos e facécias grotescas, aqui onde os homens se cumprimentam e se esvurmam, aqui onde eu estou de fora e cansado, fixem bem: cansado, entediado, de fora, enlouquecido, só, isolado, mistificado, glorioso, belo como tudo, sujo como tudo, opaco como tudo, raivoso como um cão.

Eu vou pegar num livro da estante e vou ler.
Não. Não tenho vontade nenhuma de ler.
Prefiro ficar aqui, com esta loucura, dizendo
os disparates necessários para vos convencer
que estou só, – mas onde raio se meteu
a minha ânsia de companhia? Onde estão
os laços que fui construindo paulatinamente
nestes últimos tempos? Tudo por terra,
todos os esforços vão, e depois vêm dizer-me
que sou um céptico, um derrotista, um estupor
que só sabe distinguir o lado mau das coisas.
Mas não é verdade, eu queria que o sol fosse só
sol e a lua um satélite da terra, e que os homens
fossem bons como os cordeiros da páscoa,
mas hoje que perdi essa estúpida pretensão
de me considerar culpado de tudo, eu digo
que vós, tanto como eu, sois uns miseráveis
porcos, uns imbecis, mas a culpa não é vossa,
eu hoje estou fora do meu fora, este duplo
desenraizamento, senhor da dor, (não foi
para rimar, juro-vos que não foi para rimar,
mas eu até fujo à rima fácil) – não é
verdade, minto, nunca fugi, procuro apenas
que a coerência exterior codifique a interior
desordem do meu domínio espiritual, porque,
senhores – como me pareço com algo
de detestável! –, o meu espírito desordenado
mas não caótico, e que importância tem isso?,
não sabe onde buscar as rédeas da solução
acomodatícia e inerve, mas o que faço aqui
longe dos meus? onde estás tu, Casanova,

e tu, Ventura? e tu, mulher da minha infância
que sonhei esta noite contigo, a fazer amor
com o meu sexo, impudica como uma meretriz,
mas bela, bela, bela, bela como as docas
de Nova Iorque, no amor onde a raiva
penetra até ao útero e lança chamas
de desespero frustrado, nesse amor que
ainda ninguém cantou pensando que era
inútil e obsceno, nesse amor onde o cheiro
do esperma é desagradável mas belo
como o pénis, nesse amor que nunca soube
extrair às horas e ao convívio com os homens,
mas a vida sem homens ficou perduravelmente
insignificante e lúrida, não me digas todas
essas coisas livres e funcionais, eu tenho
um exame amanhã onde me vão perguntar
de que é feito o fígado ou o tecido erétil,
mas eu sei que nessa ocasião, distante,
eu perguntarei a mim próprio o que faço
ali, especado a atento, tentando lembrar-me
da matéria, eu que me preocupo com a morte
e a vida, que procuro respostas e acho lodo,
eu que sem dúvida nessa altura estarei
embrenhado na distorção ignóbil de estar,
que argumentarei surdamente factos
em favor da imemorial necessidade do Nada,
quando superfluamente me chumbarão
por não saber o estado patológico da pele,
ou por que razão os cabelos das suecas
são mais finos que os das mediterrânicas.

Mas agora em que tudo isso está longe,
sem a certeza da minha genialidade, – oh,

como os meus versos por vezes parecem
magníficos e outras vezes banais... –
corroendo um eversor ácido nas minhas
entranhas intelectuais, cerebrando assim,
na indolência mecanizada de uma obra
perfeita e perdurável, só, mas como podia
ser o contrário?, com formigas nos pés,
mas prometendo a mim mesmo não mexer
um dedo, e sofrendo, sofrendo, sofrendo,
sofrendo e sofrendo, sofrendo, como sempre,
com os lábios gretados e secos, recordando
a noite serena de ontem, nas avenidas,
nos becos da cidade, sem estrelas mas com
lunar, acompanhado de um desconhecido,
dizendo asneiras que na altura pareciam
evidências irrefutáveis, abrindo os braços
nesse gesto infantil de quem vai possuir
a sofreguidão, senhor de mim, senhor como
nunca de mim, fora de todas as preocupações
– só a noite e o silêncio contavam, e eu
entre eles com o desconhecido, mijando
como os cães de encontro às árvores adrede
para necessidades prementes, entornado
dentro da alma este langor feito de um súbito
frio e de aurora – como choro agora que tudo
já passou como tudo que já passou, infeliz
pela perda do que nunca essencialmente
possuí, mas eu gozava essas horas sem mácula
e com alegria, e perguntava ao escuro onde
nunca receberia resposta, eu já sabia mas era
bom, o que significava a minha vida
e aquela hora, e o ontem e o amanhã, –
e sem resposta eu continuei na mesma,

sorrindo, pela primeira vez sorrindo, fútil,
desobediente e escarninho, impessoal,
por que não dizê-lo?, chupando com ganância
essa hora de comunhão com o verdadeiramente
Nada.

Mas agora, e quanto me custa repetir, só,
aqui, escrevendo para socorrer o Hábito,
sem uma ideia determinada sobre qualquer
assunto, doente e inocente, – onde estais
vós, demoníacas impressões do meu ódio
cinzelado em mármore? – como um...
dessemelhante de tudo quanto presenciei
e conheço, único, fautor de mitos e de vidas
onde o tempo é um Ausente, colando
quotidiano, que me resta senão procurar
na estagnação um sentido inaudito,
um calor que me aqueça de jaez diferente
deste insuportável verão e uma mortalha
para incinerar todas as vivências do meu
caprichoso ser.

Sem saber porquê, desejo que a casa onde nasci, fez outro dia vinte anos, com uns azulejos disfarçando a arbitrariedade do meu destino, esteja no mesmo local da mesma época da minha imaginação criadora. Vejo-a agora, com matizes de oiro nas vidraças, tarde finda, inchada, ressumando aquele ar que tanto me perturbou na infância, esse aspecto desaparecido da minha alma, vetusto e amarelo, poeirento como uma saudade, com os interiores onde a traça e o silêncio do vento faziam amor.

Lembro agora, do fundo da minha interpretação deformadora, o meu quarto, esse exíguo cubículo onde o espelho trocista me espiou o crescer, com a clarabóia onde o vento e a luz litigavam compassadamente. Esse terrível cheiro a morte, agora nos meus sentidos, imaturo mas verde, onde as fotos carcomidas pelo tempo testemunhavam a existência dos antepassados.

Essa casa nessa vila onde eu fui criança, quem o duvida? – cheia de mim, agora vazia dos risos e loucuras juvenis, estiolada e ferrugenta, abandonada, como a estou sentindo dentro desta miserável evocação ao Passado!

Não sei porquê (eu ouvi ainda há pouco uns foguetes), o parque em frente onde eu brinquei e assisti espantado ao início do Sexo e do Medo, com os fantasmas dos rapazes e das raparigas que foram meus assíduos conhecidos, – eu pressinto o riso de alguns e detecto o ar bonacheirão de outros –, está, agora que não o vejo, cheio de piões e de armadilhas, e miúdos de sete anos fazem chichi nas covinhas que exumaram com o pau esquecido pelo último circo.

E recordo as minhas fugas para a noite das seis horas

de inverno, jogando com a malta da ocasião os mais variados passatempos, e a tardia chegada a casa com a consequente tarefa para primor de uma educação.

Hoje, que não fiz nada de substancial, que dormi até ao meio-dia, que continuei durante todo o dia a dormir, impávido e inane, levemente esgazeado, com os olhos naquele além sem limites porque converge no nada impreciso, pensando na minha casa, porque todos os outros tugúrios não são mais a Casa onde eu aprendi esse conceito, e liberto desse desânimo que corrosivo escarifica a minha alma, com o desconsolo de não estar Lá, sem saber porquê, mas lá agora, para que a minha vida se suavize com a memória dos meus passos pretéritos.

E eu que nunca tive até hoje saudades, que andei sempre em frente sem sair do sítio, estou a meditar no como será o poente nos azulejos da casa onde nasci. Não discuto: choro. E eu que acho estúpido o choro porque não resolve nada, não faço nada para imediatamente deixar de chorar. Estou só, só, só.

E se me dissessem que a casa voou, feita fumo ou tempestade, leve como um facto, levada para domínios onde a imaginação não suspeita existências, eu ficaria mais só, quase que sem um começo, sem uma partida definidora, esse ponto que escora todas as ulteriores manifestações da vida. Por que nasci em Vila do Conde? – Eu nunca perguntaria quem fez deus. Não sei.

Algures onde um homem e uma mulher se encontram esfuziantes de fé, com o coração transbordante desse inquietismo que chama o ser à terra, eu nasci filho de duas estirpes e do mesmo credo.

Em noites visitado pela insónia, quando os gatos deambulam

gritos eróticos, eu pergunto a resposta que não sei:
por que te fizeram, pequeno, por que vieste nesse fim
de tarde de Fevereiro frio, nessa casa que seria tua
desde o primeiro vagido?
Quem são teus pais? O que fizeram? Como se conheceram?
E durante as tardes em que a minha avó fazia renda na varanda
– Oh, eu possuo uma avó, eu vivi com uma avó, eu tenho
família como os outros homens!–, eu perguntava-lhe
quem foram os meus bisavós, onde viveram, como e quando
morreram, e a minha avó, que tinha uma fraca e débil
memória, satisfazia mediocrementemente o meu desejo de me saber
último sobrevivente de uma ideia antiga: fazer filhos.

Na janela virada para o poente, com doze anos, o púrpuro tom
de um crepúsculo no meu rosto cheio e carnudo, contando
as primeiras estrelas da noite, maravilhado pelo medo que senti
quando vi nesse mesmo dia o mar vermelho de sangue,
eu julgava que a minha vida só teria um sentido nessa casa,
e que todo o futuro não passaria do constatar diário
do mesmo perfume e dos mesmos objectos.
Quem me diria a mim que anos mais tarde, eu estaria aqui,
neste quarto, mudado, lembrando, já sem saudade,
mas com um esforço quase físico, a casa onde nasci,
em Vila do Conde, terra do meu advento físico e espiritual,
início do sofrimento de existir.

Ó tu que não me conheces, que directamente
nunca conversaste comigo, que vagarosamente me lês,
ou apressadamente, quem me pode garantir que não?,
que estás aí, eu não preciso de saber onde
desde que tu estejas, só, comigo, ouvindo as minhas vozes
e os meus desencantos, impossibilitado por mil factores
de me sentires a viva voz, não sei por que desígnios
do destino, tu que não tens face, que talvez sofras agora
uma contrariedade, que és um pouco de mim,
filho de um país desconhecido, falando e pensando
a língua desse país, quantos anos depois deste nocturno
sete de Julho de mil novecentos e sessenta e oito,
com a idade daquele que poderia ser meu filho ou neto,
do sexo masculino – oh, é-me impensável suspeitar
que alguma mulher terá o atrevimento de me ler...–,
não sabes quanto de noite e de desassossego
eu tenho em mim...

Como uma amiba ou uma anémone que nunca vi, sou
sincero, respirando o ar e a intragável inércia destes olhos
mumificados e brancos de cal, sem um ruído que me dê
a ideia nítida que estou no mundo, medindo cauteloso
as distâncias que me separam das paredes e dos móveis,
reflectida a minha fauce nos vidros da janela baça e negra,
pensando em ti, na cor dos teus cabelos ou no feitio
dos teus sobrolhos superciliados, perguntando a mim
mesmo como foi este poema parar ao teu regaço de vontade
de compreender, sorrindo com este pensamento,
– no peito o coração zurra e pinoteia, dá-me a ilusão
da morte, a cabeça é agora uma dor finíssima
que me trespassou do frontal ao parietal, que obrigou

o meu corpo a um salto de medo e de desfalecimento –
tenho as mãos frias, a seborreia escorre pelo nariz
e pelas fronteiras, eu estremeço quando um silêncio interior
esbarra contra o mutismo do mundo longe do meu quarto,
sem ter nada onde esconder este desânimo que a carótida
superlativa, sem uma religião, sem uma ideologia,
sem um amor diferente das palavras, estando aqui
e cogitando por que estou agora aqui quando a terra
é redonda e tem mares e montanhas e planícies e rios
e trovoadas e silêncios, sem nunca ter fornicado
com uma finlandesa ou uma preta, nem com as prostitutas
deste praça onde os meus passos não deixam marcas
nem peso, – e como isso é bom! –, descontente
com o princípio e com o fim, entre o som mágico
e o desvelo infantil, sem um carinho para desperdiçar
pelas roupas espalhadas pelo chão, recordando o sonho
obcecante que se repete desde há muito, em que a raiva
da injustiça sofrida na infância se abate sobre o corpo
massacrado do meu irmão e uma impotência de gestos
e murros acorda-me para sopesar esses tempos,
quando eu queria esquecer completamente tudo
para me sentir jovem e forte.

Tu, desconhecido, meu irmão, filho do Homem e pai,
corrente exímia entre duas gerações, nesse ano
em que os sofrimentos espirituais continuam existindo
invariavelmente, com a formosura que o meu corpo
não tem – mesmo que sejas feio és formoso, eu assim
o quero, onnipotente e banal –, com a cultura
que não possuo porque não a procuro, ou ignorante
que procuras nos livros um sinal da tua inquietação,
matriz destas palavras que custam a sair do reino
da Imaginação e da Vida, para te saudar agora que posso,

porque o amanhã é o imprevisível e eu tenho medo,
confessando com a nugacidade deste momento
a minha estadia no plexo dos homens, sempre espantado
com as Coisas e com os Factos, sempre ansioso
por desvendar, sempre soçobrando e procumbindo,
sempre enfermiço e cansado da realidade asfíxiante,
sempre na ressaca deste estar sendo com uma meta
arbitrária e escura, esperando esperando esperando,
já não sei o quê, entre a similitude da Hora e o desterro
brando do Espaço, inventando subterfúgios para aclarar
o Nada, buscando em cada palavra uma salvação
que a vida não dá nem recomenda.

Tu, onde quer que a tua vida tenha de comum
com a minha, nem que numa futilidade,
porque a grandeza da vida está na covardia
de criar valores, tu já o sabes, és meu e eu sou teu,
amantes e escravos, filhos colossais da amizade,
e o teu juízo a meu respeito a minha sentença,
porque eu quero que assim seja, e a minha glória
nas palavras que discutirás com os teus amigos,
falando de mim, sobre a minha vida, sobre
os acontecimentos anedóticos da minha biografia,
sobre um dito espirituoso que em dia de abandono
libertei do meu fastio, com aquele amor
desinteressado de quem edifica um outro homem,
para que a minha carcaça não se reduza
imediatamente a cinzas, e para que tu possas
dizer: não compreendi perfeitamente e totalmente
o Poeta, mas cheguei, em certos momentos
de invisível comunicação, a vibrar em uníssonos,
sofrendo e compartilhando o desespero
de uma vida dura e inaverbável, sinal dos tempos
em que o homem está e é, mas não vive.

Estava deitado na cama, com uma comichão
dentro de qualquer interior de mim,
e todo o meu corpo propendia para a mesa
onde as palavras que temia estão agora
a ser caligrafadas com raiva e desespero.
Eu acreditava que não era estúpido.
Eu julgava que tinha um pouco de talento,
mas agora entre o *capricho italiano*
e a *passagem das horas*, eu tenho a impressão
nítida do meu prévio fracasso. Nunca passei
das quatro posições da guitarra...
E o meu sentido para o fluir orgânico
da música nunca me proporcionou
a leviandade de criar uma partitura... Não
que seja um falhado. Sou um desempregado.

Ainda ontem à noite, tentando conspurcar-me
com a precisão da realidade, eu meditei
a minha vida e perguntei a um outro que sou
eu: O que pensas fazer da tua vida?
Que planos tens? E eu não tinha planos...
Nem a coragem de os fazer... Eu, enfim, estava
nesse momento na rua, caminhava, vinha
do cinema, ou do fim do dia, e estava...
Não, nunca arquitectei planos ou geometrias
de vida... Cá estou, aqui, na terra,
sem saber ao certo como passar o tempo,
enfim, protelando um não sei o quê,
esperando que a vida se resolva, que eu
não tenho cabeça para dirigir ou dar ordens.
E quando os outros me evidenciam a minha

magnânima irresponsabilidade, eu pergunto
aflito e bobo quem inventou a consciência
e os deveres. Eu estou fora de tudo isso, isso
não me diz respeito, viver já cansa, o mais
é uma futilidade que não posso engravidar.
Trabalhar para viver? Se for obrigado a isso...
que remédio! Mas não perdoo a sociedade
que me coage a tal espúria vileza. Acredito
perfeitamente que a sociedade e os homens
se estejam cagando para o meu anátema
improdutivo e solitário, mas não será por isso
que ele é menos veemente e sincero.

Não me venham falar em ordem no universo!
Estou cansado. E quando a desordem
dos meus nervos crocita sobressaltos,
que importância de maior tem a ordem
mecânica do universo?

Mas depois desta hora de leitura, com Álvaro
de Campos na alma, ainda ruminando
certas frases que são sangue e vida minha,
ainda ébrio da profusão esmagadora
das suas palavras, a vida deste momento
faz-me mal e nauseia-me.

Eu, que quando me quero lembrar de mim
vou ao livro do Poeta para saber o que sinto
quando duvido do que sinto, que profissão
humana ou inumana caber-me-ia de prémio?
Burocrata? Médico de corpos e almas?
Guerreiro? Fabricante? Chulo? Merceeiro?
Alfaiate? Paneleiro? Pensar-me uma coisa
destas, oh, que luxúria, que engodo,

que indecência...

No dia em que for conhecido (vejam lá, já me penso morto e canonizado!), no dia em que os outros me lerem com atenção e raiva, de que vale esta hora que é só minha, e do meu juízo agonizante?

Por mais que sintam o que digo, por mais que comunguem o que sinto, nunca, e como isso é bom e dá força, entrarão dentro do meu Nada. – O poeta era isto ou aquilo? Sim, o poeta era isso, mas sem palavras... Voltamos ao princípio, ao... não sei dizer... está aqui dentro, eu sinto e sou isso, mas não sei dizer...

Estava deitado na cama, com medo, mesquinho e louco, com dor de cabeça, rotineiro e presente, marcando passo, só e isolado, ouvindo as ressonâncias da última leitura inacabada da *passagem das horas*, e captando o real concreto do *capricho italiano*, sem flores nem raios de vórtice e ouro, consubstanciando o que li e o que ouvi.

Porque a poesia se dedicou à minha vida,
eu vinha na rua e pensava no poema
que só escreveria quando estivesse no pino do verão.
E pela primeira vez na rude moldagem das palavras
o meu sentido premonitório rimava airoosamente,
como se nesse dia que ainda está para vir
tudo fosse mais fácil.

Agora, já não recordo o que sonhava...
Fagulhas de uma ideia que não desapareceu de mim,
sobreviventes deste quotidiano construir de mitos.
Mas esse poema só se efectivaria na casa
de Vila do Conde, no quarto virado para o rio
e para o mar que não se vê (estou a sentir
um cheiro áspero de madeira ressequida
e de memórias amontoadas no sótão do meu Mistério).
Precisava de marcar com infinita presença
o fluir das coisas, de estancá-las e absorvê-las
o mais possível, exauri-las para que o meu corpo
e os meus hábitos eternizassem o Segundo.

Na idade em que a poesia não é a última tábua
de salvação porque não há jangadas nem salvação,
a minha vida é o que eu escrevo e o resto
reminiscências de um pesadelo maligno.
Felizmente que estou longe de todos os que assistiram
ao meu crescer, porque é sinal que não possuo
um verídico passado. Sim, sem dúvida
para não fugir às leis do universo, eu nasci,
mas isso é uma possibilidade remota
que ninguém tem interesse em precisar.
Estou, eis o que importa... E sem a possibilidade

de me dizer feliz ou infeliz...

O que é isso de infelicidade? E de momentos
de alegria e de dúvida? Como estou tão longe
disso tudo, tão longe!...

E quando um conhecido vê num gesto ou numa frase
aquilo que pensa que sou, e me vem dizer
solícito e malevolamente, eu agradeço a revelação
desse achado, e procuro ulteriormente justificar
com acções o veredicto vaticinado.

Mas descubro sempre que o que sou é mentira,
ou um falso alarme...

Não que tenha grande importância o descobrir-me:
é até estúpido e incivilizado

Mitomaníaco, construí sentires verdadeiros
para ser tudo, e fui convicto, mas cansei-me.

Quando me julgava árvore ou frio,
eu era árvore e frio, mas não era a árvore
do caminho ou o frio do inverno.

Aí a minha impotência...

Ser, sempre fui tudo, mas de maneira diferente.

E esse tudo não era nada!

Por deliberação intelectual cingi-me ao Eu,
mas nem perdi nem ganhei nada...

Ficou tudo na mesma, como sempre...

Porque e afinal, a vida é a ideia que temos da vida,
e o que somos nas vinte e quatro horas
de um dia é Mistério,
é a inconsciência consciente
de que somos e estamos.

Vejo duas senhoras na rua, conversando,
e não pergunto a mim mesmo o teor do que estão a conversar.

A minha curiosidade virou-se para dentro,
e subitamente deixou de ser curiosidade...
Sim, elas falam, eu vejo o que elas fazem,
apercebo-me de um sorriso,
concordo com o abraço que se dão ao despedirem-se.
Meus irmãos? É possível que sintam o que eu sinto,
que não desejem o que não desejo,
mas isso quer dizer alguma coisa?
Se quer dizer,
o universo está profundamente errado!

Achei por bem deixar um testamento. Não sei se isso é válido.
Uma carta profusa do que creio e do que detesto...
Do que penso da vida e do que vivi de vida...
Mas o meu cansaço e o meu deixa para amanhã
cortou pela base a esdrúxula pretensão da minha leviandade.
Foi melhor assim.
Queria dizer que nunca construí uma escala de valores
e os meus princípios foram sempre a minha idiossincrasia.
Matei muitas vezes quem nunca me importunou
e violei virgens que cometeram o grave erro de existirem.
Mas nunca fui preso porque os cadáveres não apareciam
e as jovens esventradas não se queixavam.
Tive sorte, mas só a mim a devo: fui cordato e rapace,
venci e ludibriei a malícia e a necessidade de honra dos homens.
Nunca senti remorsos pelo que fiz: eu, enviado por mim,
desfazia-me do meu trabalho o melhor possível.
Nunca cometi um erro, nunca fui magnânimo. Feroz
como ninguém, todos me achavam pacato e um Zé-Ninguém.
A todos menti com a minha presença no mundo; de noite,
vestia o meu fato negro de vingador e vinha praticar injustiças.
A ordem do mundo nunca desfaleceu, eu sabia como actuar.
Agora, estou cansado.
Agora o meu cansaço sobrevive o muito que vivi parado
e fixo, gastei-me por dentro e não o mostro por fora.
Envelheci. O tempo passado triplicou cem vezes,
cada sensação esventrou a minha sensibilidade,
cada emoção verrumou a minha vibratibilidade,
cada ideia zurziu a minha cerebração.
Atingi momentos icásticos de lucidez, conversei com a morte,
todo o meu ser vibrou em uníssono com a terra,
todos os meus impulsos galvanizaram a aparição.

Fiquei só. Não vejo mais que outrora.
A velhice não me trouxe experiência
nem eu fiquei mais sage. Envelheci simplesmente.
Quando estou nas encruzilhadas casuais que me levam
aos homens, e vejo dois jovens de sexos diferentes,
sorrio: já passou a minha idade, penso.
Quando uns senhores de meia idade dão tudo por tudo
para deixarem aos filhos e aos netos uma posição decente
na vida, eu percebo que seja assim,
mas não faço como eles porque não criei descendência.
E como esse homens carecas ou encanecidos, esperando a morte,
eu estou aqui e conto os segundos que me separam do fim.
Tudo vivi mesmo quando não vivi,
a realidade misturou-se com o sonho,
a minha vida encontrou-se com vidas reais e irreais,
conversei com adolescentes sobre o amor
e com os velhos sobre o passado.
Compreendi sempre o homem no que tinha de compreensível:
nada.
Estive ao lado da humanidade em dias de sofrimento
e em horas báquicas de euforia.
Embebedei-me sem saber bem porquê
quando via os outros a embriagarem-se:
nunca precisei de razões para agir:
quase sempre permaneci estático.
O movimento e os seus derivados apaixonaram-me:
nunca a preguiça permitiu que saísse de onde me plantaram.
Fiquei e estou. Nasci amadurecido e morro amadurecido.
Nasci verde e morro verde. Tudo é a mesma coisa.
Nunca desejei a lua ou as estrelas, mas perguntei mil vezes
por que não fui lua ou estrela.
Sempre achei que devia ter optado a minha vida.
Agora estou cansado.

Nunca conheci uma mulher: via-as passar e deixava-as fugir.
Julgava-me no direito de que elas viessem ter comigo.
Nunca vieram e isso nem foi bom nem mau:
aconteceu e eu estou aqui para dizer que foi assim.
Menti muitas vezes a mim próprio e fui sempre verdadeiro.
Nunca fui honesto nem nunca roubei.
Nunca tive medo dos outros.
Temi muitas vezes a morte porque não sabia o que era isso.
Agora sei e estou.
Espero.

Sonhei que conheci uma actriz e que ela me perguntou:
que personagem representas nas vida?
E eu respondi, sorrindo, que não representava porque não vivia.
– Então o que fazes aqui?
E eu que não sabia,
pedi-lhe para me dar um mês para não o saber.
Fui viver para casa dela. Não tinha bagagem nem alma:
sorrisia quando faziam de mim o escopo de uma resposta
que já sabiam.

Uma noite, deitado no meu colchão chinês,
impávido e marmóreo,
fitando vagarosamente o tecto de lilás e cisnes dourados,
ouvi os passos mussitados da hospedeira e permaneci estático,
fingindo que a presença corporal desse mistério
era uma ausência e que o pressentimento não passava
de uma divagação onírica.
Ela baixou-se, joelhos no soalho,
e esperou que finalmente acordasse.
– Queres-me possuir? – mitigou esse sofrimento
de dias sem braços apertados furiosamente ao corpo.
E eu que estava verdadeiramente acordado,
mas cansado de tudo o que vi, disse que não.
E ela começou a chorar...
E como se quisesse irremediavelmente zelar
pela integridade espiritual da minha protectora,
eu solucei uma desculpa em que náuseas e alor
se misturaram e não solucionaram o problema que causei.
Reparo nos olhos verdes, negros e magentos agora,
na curva dolente do começo do peito caído,
no perfume do corpo lavado,

na opacidade obscena que enevoou o tecto,
e nos cabelos de cintilações carmim e cobre.
Uma lágrima minha, azeda e salgada
– como é banal o sonho desta noite, mas foi assim! –,
flui e reflui de encontro ao vazio azul, eu sinto o seu pesadume,
sofro uma dor nos debicados mamilos encobertos, e pergunto
um pouco estarrecido o que foi feito da Hora e do vento.
Hiante e monstruosa,
agora as chamas espreitam através dos olhares da mulher
vestida de sari, e o corpo carmesim e aberto cai sobre mim,
até ao estalar do meu último resquício de alma.
Abandonada, oferecendo vesgamente o sexo acolchoado
de penugem, brincando com os meus colhões,
como se fossem berlindes, beijando ao som de um ritual
verdadeiramente novo e inusitado o meu umbigo
e o meu peito arquejante de pressão animal,
ela está assim como quem não sabe por onde começar,
e eu estou como que um escravo perdido e abandonado
aos caprichos da fera.
Morde-me o pescoço e fico ainda mais frio.
Fricciona o meu pénis com raiva e habilidade,
dá-lhe palmadinhas brandas para o levantar,
mas eu, que não tenho a possibilidade de ver o azul do tecto,
fico mais carcomido por dentro, como se me estivessem a salgar.
Infrutífera na sua sedução, chorando pela primeira vez sangue
que pinga no chão e forma estalactites ou estalagmites,
esbugalhados os olhos e vendo em mim uma palidez tumular,
a atriz que me perguntou que personagem eu era,
fugiu como um sopro,
e eu fiquei sozinho olhando convicto para o tecto.

Está nu. Uma escama de dinossauro aqui e além,
um botão de cinza no centro, e eu estou precisamente

debaixo de uma guilhotina de ouro.
O silêncio escuro. O tecto. Os meus olhos.
Inopinadamente, do interior do meu inquietismo
amarrado por inibições e falsos preconceitos,
e de todos os medos que arranquei à vida ou ela me ofereceu,
uma chama de líquido efervescente irrompe o sexo
e invade a grande,
eu tenho o mundo no epicentro superior da minha vitalidade,
e terra gira em redopio exotérico no eixo da verticalidade,
as capacidades físicas e metafísicas do homem
centram-se no tumulto visceral da minha solitária
e improvocada ejaculação,
acordo e estou na cama desta casa onde vivo
desde Setembro último.
Os lençóis conspurcados divinamente pelo sémen perdido,
o ventre vazio e o corpo na sua totalidade com fome,
o alvor do dilúculo cobre a superfície do planeta
neste meridiano desconhecido e só,
o meu sexo, esmorecido e ainda levemente túrgido,
saciado da vida, recolhe ao sono
de mais uns não sei quantos dias.

A vida continua e o sonho é manifestação de uma vida.
Talvez amanhã eu consiga possuir essa actriz que vi
numa revista de cinema na tarde do dia anterior.

Não é isso o que me interessa.
Não é isso. Nem aquilo, tão-pouco.
O que hoje me interessa... não está aqui.
Não está aqui porque pode estar aqui sem eu dar por isso.
Porque o que me interessa não conheço...
Não, não é isso o que me interessa.
Do meu pensar de agora, desta palavra que aparece,
sei lá de onde, mas de mim que estou cheio de ondes,
não estou interessado.
Procuro em outros níveis a significação do meu viver.
Além de mim, porventura fazendo ainda parte de mim,
está o meu significado irreduzível.
Aquém do que sou, o muito de possibilidade do que nunca fui.
Estou.
E estar, agora, entre o nada e o nada que vai ser,
ambívio onde as estradas são construções acomodáticas...
Eu, concretização de uma ideia que faço de mim,
eu, fuga paroxística do que não quero ser sendo-o no imo,
eu, sem atingir o que por vitória queria ser.
Tantas faces quantos os interlocutores, eu, e sempre uno.
O meu riso é diferente do riso que tu vês,
porque sem ti não existe...
Uma frase tonitruante e raivosa, mil possibilidades
que podem ser tudo. Não só irascibilidade...
seria demasiado fácil e simples...
Uma cara de gelo – quem sabe se não estou imolando
no interior de mim esta alegria por nada?
Mas não é isso o que me interessa.

Brilhante, caindo no âmago deste violar das coisas, onde tudo
o que diz é pouco para simbolizar as Horas e os Caminhos,

barco naufragando nesse mar que não existe porque está dentro de mim, não sei se na alma se na conjunção dos nervos com o temperamento, talvez que nas entranhas sem sangue e sem gordura, entranhas metafóricas, asseptizadas, limpas, onde a ideia antiga tece contradições de expressão e de mímica, porque muita da nossa vida é o que os mortos fizeram...
Escrevendo levitando dois suficientes centímetros de ar, caligrafia onde o pensamento costumado é adventício e diáfano, procurando a história das acções e das palavras no que se diz sem o saber consciente, para depois colher, do amálgama de sons sem nexos ou sexo, a chave que não dirá nada.

Sonho onde a aranha entrou e que quer dizer medo da morte, disse-me o Vitorino que lê Freud e Jung e Adler, eu estou no papel do meu papel, buscando no sofrimento a flâmula de um gozo que não consigo sacar ao viver.
Acordei exausto, dormir e sonhar também cansa, e depois, para quê levantar do leito quando se está no suor de uma noite insone e nublada pelo sexo, para quê ir mentir aos outros que estamos bem acordados, quando um sono longínquo e prematuro fecha ou semicerra os olhos e cria remela?

Fragmentos... jáculos... alores... impressões...
visões brandas do que de si é horrendo
se essa palavra ainda quisesse dizer alguma coisa...
Onde estás tu, invocação?
Tu que não és gente nem deus nem coisa?
Tu que és apenas um som e um sinal abstracto e concreto...
Como no nada as antinomias são a mesma coisa...
Tudo é igual a tudo, as leis do universo assim o exigem...

Assim, sem o interesse de quem busca o que interessa,
aberto e fechado ao mesmo tempo, fora das razões habituais

e dentro dos sentires humorais ou nervosos, Eu,
e tudo o mais é a fragrância do que de mim se perde.

Um dia plagiarei os poemas dos poetas que amei.
Agora faço os poemas do que não sei
e choro a hora
na demora
de quem não sabe de onde vem.
Quem como eu tem
a triste ou estúpida necessidade de perceber
não vai mais longe que o ser,
e isso é pouco ou nada.
Na entrada
deste novo ciclo
um olhar triplico
corrompe a realidade:
a falsa liberdade,
o desespero brando,
o desamor cândido.
Estou entre as duas águas de um rio perene
e o que de infrene
colhe na ânsia do meu sonho.
será molho
de nervos e gordura
na sepultura
do tempo.
Um sorriso de viés onde um amargo sofrimento
talha cicatriz
de cariz
amorfa e louca repercussão,
é irrisão,
e tudo o mais festa de cabelos
onde os pretéritos desvelos
são as rosas de um estranho veio

no espúrio seio
deste viver logrado
e definitivamente fixado.
Um dia, algures onde estiver,
sem ter
obrigatoriamente de roubar aos outros
a magnificência dos tesouros
que juntaram dia após dia, desesperadamente,
eu farei da infelicidade dos poetas um corte rente
e darei ao mundo
um longínquo fundo
do que é a vida
sem uma esperança ou saída.
Então, de entre a chusma que implora o caos,
um suplício de dores e impulsos maus
virá devorador ter comigo.
E na iminência do perigo
deitar-me-ei na sorna
morna
da loucura de estar só,
par que a multidão sem dó
corrompa em mim a solitude
e plante no meu peito a beatitude
de quem sabe que tudo é escusado
e é melhor deixar de lado
a insignificação do tempo e do espaço
para que a vida não seja algo de morte e de baço.

Coimbra,
10/6 a 15/7 de 68

